



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
Artes e Letras

# **As neotribos de Palmas e suas interações com as tecnologias da informação e comunicação em seus processos de socialização**

**Samila Valentin Bonilha**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Comunicação Estratégica: Publicidade e Relações Públicas**  
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Joaquim Paulo Serra

**Covilhã, Junho de 2015**



## Dedicatória

Dedico este trabalho a você, meu querido e amado Pai Samuel, que sempre me fez acreditar na realização dos meus sonhos e trabalhou muito para que eu pudesse realizá-los.



# Agradecimentos

Neste momento, a única certeza que tenho é que as palavras aqui escritas não irão expressar a veemência do meu sentimento de gratidão pelas pessoas que contribuíram, direta e indiretamente, para que eu realizasse esta pesquisa, auxiliando-me e dando-me forças nos momentos em que mais precisei.

Primeiramente agradeço a Deus, por todas as horas e momentos. Por sempre me conceder sabedoria nas escolhas dos melhores caminhos, coragem para acreditar, força para não desistir e proteção para me amparar.

À minha querida e amada Família, meu pai Samuel, minhas mães Izaura e Sinara, e meus irmãos João Vitor, Luara, Brenda e Danilo, que sempre estiveram ao meu lado, em todos os momentos, concedendo amor, carinho e paciência. Sem amor fraternal de todos eles, essa etapa não teria sido concluída com sucesso.

Ao meu companheiro no amor, na vida e nos sonhos, Denilson Vieira, que desde o princípio me apoiou nas horas mais difíceis e insuportáveis do processo do mestrado. Com ele, tudo foi mais leve. E sem ele, nada disso teria sido possível.

A minha grande e querida amiga Vanice Cunha, porque juntas dividimos nossas dores e alegria de estar longe de casa e dos nossos familiares. Pelo cuidado e carinho, pela doçura e meiguice.

À professora doutora Valdirene Cássia, minha eterna inspiradora no caminho da docência. Que desde a graduação me acompanha e sempre me possibilitou “aprendizagens únicas”, por meio do grande incentivo e orientação que me foram concedidos durante essa jornada.

Ao meu orientador, Professor Doutor Paulo Serra, por toda a sabedoria e tolerância no processo do ensinar. Pela presença e paciência, por me orientar a distância, e repassar seus conhecimentos de forma tão precisa. Ao Senhor, minha eterna gratidão.

Aos amigos Brasileiros que estiveram comigo em terras Portuguesas, me acolhendo nos momentos de fragilidades e dificuldades: Wagner Quintanilha - meu grande amigo de mestrado, Manoel, Vinicius, Vanice, Muriel. Vocês foram peças importantes nesse processo.

Aos meus grandes amigos Portugueses, Ana e Jorge, amigadas que Deus me proporcionou. Pessoas incríveis, atenciosas, amigas e companheiras. A vocês o meu eterno agradecimento pelo acolhimento na terra de vocês.

À amiga Sônia Pugas, pela atenção, presteza e carinho.

À amiga Flavia Pereira, pelo cuidado e carinho.

Aos professores da UBI pelo cuidado e atenção por nós, alunos estrangeiros.

“Cada pessoa que passa em nossa vida, passa sozinha, é porque cada pessoa é única e nenhuma substitui a outra! Cada pessoa que passa em nossa vida passa sozinha e não nos deixa só porque deixa um pouco de si e leva um pouquinho de nós. Essa é a mais bela responsabilidade da vida e a prova de que as pessoas não se encontram por acaso.” - Charles Chaplin



## Resumo

Esta investigação se insere na discussão das práticas das tribos urbanas no contexto cibercultural, no universo concreto da Capital do Estado do Tocantins - Palmas, Brasil. Foram investigadas três neotribos, que se assumem como tribos de Hip Hop, e que circulam pelo ciberespaço. A metodologia utilizada na pesquisa foi a netnografia, decorrente de uma abordagem qualitativa. Como instrumentos de coleta de dados foram utilizadas a observação e entrevistas semi-estruturadas. Os resultados permitiram concluir que as neotribos de Hip Hop, existentes em Palmas - TO, no espaço virtual Facebook, fazem da cultura Hip Hop - dos gêneros artísticos da música e da dança -, uma escolha existencial, numa construção narrativa de suas orientações, ideologias e expectativas, utilizando do ciberespaço para legitimar e expressar quem são e o que são perante o mundo e eles mesmos.

**Palavras-chave:** Neotribos; Culturas juvenis; Cibercultura; Facebook.





## Abstract

This investigation is concerned with the discussion of the practices of urban tribes in the cyber-cultural context, in the concrete universe of the Tocantins state capital - Palmas, Brazil. Three neotribes were investigated, which assume themselves as Hip Hop tribes, circulating through cyberspace. The methodology used in the research was netnography, arising from a qualitative approach. Observation and semi-structured interviews were used as data collection instruments. The results showed that Hip Hop neotribes, existing in Palmas - TO, in the virtual space of Facebook, engage in the Hip Hop culture - the artistic genres of music and dance - as an existential choice, in a narrative construction of its guidelines, ideologies and expectations, using cyberspace to legitimize and express who they are and what they are before the world and before themselves.

**Keywords:** Neotribes; Youth cultures; Cyberculture; Facebook.



# Índice

Introdução .....	1
Parte I. Enquadramento teórico.....	5
Capítulo 1. Culturas juvenis na contemporaneidade: conceitos e olhares sobre o fenômeno das Tribos Urbanas no século XXI.....	6
1.1. Do tribalismo ao neotribalismo .....	6
1.2. <i>As tribos em Palmas</i> .....	11
Capítulo 2. Um olhar sensível às tribos pós-modernas: O Hip Hop e suas particularidades.....	12
2.1. O Hip Hop: origens e deslocamentos.....	14
2.2. O Brasil segue na batida.....	19
2.2.1 Sem perder a rima.....	2
Capítulo 3. As tribos urbanas e suas interações com as tecnologias contemporâneas: a rede social Facebook.....	25
3.1. Sujeitos juvenis no contexto da cibercultura.....	26
3.1.1. Os movimentos de cultura no ciberespaço.....	29
3.2. Redes sociais digitais.....	31
3.2.1 O Facebook enquanto rede social digital.....	33
3.2.2 As tribos ciberculturais no território do Facebook .....	34
Parte II. Estudo empírico .....	37
Capítulo 4. Metodologia e desenho da investigação .....	38
4.1 Tema e problema .....	38
4.2 Objetivos .....	38
4.3 Métodos e técnicas de investigação .....	39
Capítulo 5 Análise dos resultados.....	42
5.1 O cenário da pesquisa.....	43
5.2 As tribos e seus atores.....	47
5.2.1 <i>RDV Crew</i> .....	49
5.2.2 <i>Sombras do Hip Hop</i> .....	52
5.2.3 <i>Vida Nova</i> .....	54
5.3 Análise das entrevistas realizadas com as neotribos.....	56
5.3.1 Identificação das neotribos .....	56
5.3.2 Relações com a rede social digital Facebook .....	57
5.3.3 Comunidades de sentidos.....	60
Conclusão.....	62
Referências.....	64
Anexos.....	69



## Lista de Figuras

Figura 1 - Cidade de Palmas - Tocantins.....	44
Figura 2 - As três neotribos de Palmas no Facebook.....	48
Figura 3 - Página de <i>RDV Crew</i> no Facebook.....	49
Figura 4 - Página da tribo <i>Sombras do Hip Hop</i> no Facebook.....	52
Figura 5 - Página da tribo <i>Vida Nova</i> no Facebook.....	54



# Lista de Gráficos e Infográficos

Gráfico 1 - Evolução da utilização da internet pelos jovens no Brasil.....	27
Gráfico 2 - Redes sociais mais utilizadas .....	46
Infográfico 1 - Os quatro elementos da Cultura Hip Hop .....	18





# Introdução

Ao revisar a literatura contemporânea sobre jovens, não há como deixar de destacar a expressão pela qual seu comportamento, sua aparência e suas práticas, sobretudo nos grandes centros urbanos, são comumente nomeados: “tribos urbanas”. A principal característica desses sujeitos é a transitividade, o que lhes confere uma condição variável, indeterminável, com diferentes facetas e complexidades.

Em Palmas, a capital do Estado de Tocantins, no Brasil, encontramos grupos de jovens se autodenominando de tribos. Segundo Araújo (2003, p 13), “[...] a formação de tribos urbanas parece ser um movimento claro de preservação cultural e criação de uma simbologia que permite ao ser humano situar-se no mundo de forma mais objetiva”. A confluência dos grupos sociais (tribos) com os espaços de associação da sociedade “pós-moderna” (urbes) criou uma forma de sociabilidade que foi objeto dos estudos de Maffesoli (1985), nos quais surge o termo “tribo urbana”.

Tribos referem-se a grupos de pessoas que se identificam por motivos diversos e acabam assumindo algumas características que os tornam fáceis de serem identificados e caracterizados, como roupas, acessórios, gosto musical, entre outros. Nessa medida, as tribos urbanas parecem representar um certo regresso a formas de sociabilidade pré-modernas. Conforme Hall (2005), “a lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais, eram dadas à tribo, à religião e à região, foram transferidas, gradualmente, nas sociedades ocidentais à cultura nacional” (p.49).

Na atualidade, a lealdade tribal parece estar sendo canalizada para as tribos urbanas, sendo estas uma metáfora embrionária de novas sociabilidades. Nestas, o desejo de associação não ocorre, necessariamente, pelo contato face a face entre os sujeitos tribais - as relações sociais passaram a ser, em grande parte, mediadas por um espaço virtual, tornando-se independentes de um espaço e um tempo definidos.

No cenário de Palmas, a presença de diversas tribos - GLST, patricinhas, playboys, roqueiros, hip hop, entre outras - faz com que o tema “juventude” adquira visibilidade e, conseqüentemente, acenda questões, principalmente no que se refere ao comportamento juvenil. Os membros das tribos vão vivenciando novos espaços, ambientes provisórios, nômades e transitórios. De acordo com Maffesoli, (2006) este é um movimento típico da pós-modernidade, um novo tipo de tribalismo, nomeado de neotribalismo, que foge das concepções clássicas, que tinham a estabilidade como processo fundante e que, agora,

[...] é caracterizado pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão. [...] a efervescência do neotribalismo, que sob as mais diversas formas, recusa reconhecer-se em

qualquer projeto político, não se inscreve em nenhuma finalidade e tem como única razão ser a preocupação com um presente vivido coletivamente (Maffesoli apud Costa, 2001 p. 45).

Ainda de acordo com o autor, o neotribalismo caracteriza-se pela vontade de partilha, que leva à construção e identificação dos laços sociais nos agrupamentos. Ele implica pertencer a um grupo em que existem afinidades, semelhanças, vivenciando o coletivo, e criando laços do EU com o Outro. Assim, em suas transitividades e fluidez, o neotribalismo é a maneira que os sujeitos têm de se estabelecer perante o mundo e eles mesmos.

Essa busca pelo pertencimento, que segundo Maffesoli (2006), é um dos traços característicos do neotribalismo, é um fenômeno ligado aos modos de vida e às subjetividades dos jovens urbanos na contemporaneidade. Ela é consequência de se estar em um mundo dominado pela moda, pelo consumo, pelo espetáculo e pela comunicação, em ambientes cada vez mais mediados pelas tecnologias da informação e da comunicação. (Silva, 2007, p. 20)

Assumimos, nesta pesquisa, que tipologias distintas de jovens vão se manejando no cenário de Palmas, e, enquanto receptores vão negociando mais sentidos e significados de mundo e vida. (Silva, 2007, p. 21). Em face disso, o nosso universo de investigação incide em torno de motivações, costumes, regras, estilos, opiniões e valores: elementos simbólicos que constituem a cultura dos sujeitos jovens na era das conexões. Partindo dessa consciência e do princípio de que a natureza do problema é responsável pela (re)definição do trajeto teórico-metodológico que envolve uma pesquisa, buscamos conceitos, embasamentos e reflexões teóricas no universo dos estudos culturais e na cibercultura.

Por essa razão, e com o objetivo de estudar a condição juvenil no contexto da cibercultura, a perspectiva que nos colocamos nesta investigação é a do estudo dos grupos juvenis que fazem parte do movimento Hip Hop em Palmas, e as interações destes sujeitos no ambiente virtual, mais concretamente no Facebook. Recorremos, para tanto, e como explicitaremos adiante, a uma metodologia qualitativa, assente na observação netnográfica das tribos urbanas de Palmas e num conjunto de entrevistas semiestruturadas com alguns dos sujeitos que as integram.

Desse modo, essa dissertação é constituída por duas partes: a primeira envolve a revisão da literatura; a segunda dedica-se à investigação empírica.

Na primeira parte (revisão da literatura), a dissertação está dividida em três capítulos: o primeiro intitula-se “Culturas juvenis na contemporaneidade: conceitos e olhares sobre o fenômeno das tribos urbanas no século XXI”; o segundo “Um olhar sensível às tribos pós-modernas: o hip hop e suas particularidades”; e o terceiro “As tribos urbanas e suas interações com as tecnologias contemporâneas: a rede social Facebook”.

O primeiro capítulo percorre os contornos das culturas juvenis, evidenciando que, na contemporaneidade existem grupos juvenis, e não apenas um tipo de juventude. Grupos esses que se instituem heterogêneo. Diferentes dificuldades, facilidades, oportunidades e poder diferenciam os grupos juvenis nos diferentes contextos sociais. Logo, juventude é uma construção social e cultural, produção de determinada sociedade, por meio das diversas formas como essa sociedade vê os jovens. Trata-se de uma produção, na qual se conjugam estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, tribos etc. (Silva, 2012)

O segundo capítulo aborda a cultura hip hop e suas particularidades. Nele discutimos o surgimento do hip hop, sua essência e facetas, bem como as singularidades dos sujeitos juvenis que fazem parte da cultura hip hop. A cultura hip hop é legitimada pelas tribos urbanas como forma de expressar suas angústias, reivindicações e denúncias, derivadas de um espaço social cotidiano onde a qualidade de vida, os serviços básicos do Estado como educação, saúde, segurança, etc. não existem ou são de extrema precariedade. Esses jovens se fazem ver, se fazem ouvir e ser notados quando começam, por meio do hip hop, a divulgar precariedade social, a violência e a discriminação racial que envolvem suas vidas.

No terceiro e último capítulo evidenciamos os sujeitos juvenis em seus processos de conexões. Os conceitos de cibercultura e ciberespaço foram essenciais para compreender as novas formas de sociabilidade das tribos urbanas na contemporaneidade. Compreender essas tribos ciberculturais no cenário pós-moderno é, antes de tudo, compreender os sujeitos pertencentes a esses agrupamentos e suas novas possibilidades de estarem no mundo com as tecnologias contemporâneas, bem como suas lógicas de reconhecimento dessas possibilidades. São estilos de vida, possibilidades de outros comportamentos, diferentes representações estéticas que se processam nos usos e manejos das tecnologias digitais (Silva & Couto, 2012, p.336).

No que envolve a investigação empírica (segunda parte), dividimo-la em dois capítulos: no primeiro abordamos a metodologia e o desenho de investigação. Já no segundo, apresentamos o cenário da pesquisa e a análise dos resultados.

No primeiro capítulo, relativamente ao tema proposto, começamos por colocar o problema da nossa investigação: como é que as neotribos de Hip Hop, existentes na cidade de Palmas, interagem na rede social digital Facebook? E como é que essa interação virtual interfere nas construções das comunidades de sentidos desses sujeitos? Deste problema, que se constitui também como o objetivo geral da nossa investigação, decorrem três objetivos específicos, que nortearam o nosso trabalho empírico: 1) Identificar e descrever as tribos urbanas Hip Hop que frequentam o espaço Facebook, na cidade de Palmas - TO; 2) Mapear as marcas de linguagens e as negociações de sentido das tribos Hip Hop imersas na rede social digital Facebook; 3) Explicitar, a partir dessas marcas de linguagem e negociações de sentido,

as interferências da rede social digital Facebook na construção de sentidos desses sujeitos. A investigação decorreu totalmente no ciberespaço, e tivemos como método a netnografia, que é o clássico método etnográfico, mas voltado para o estudo da cibercultura, já que a etnografia “[...] faz parte do trabalho de campo do pesquisador. E é entendida como um método de pesquisa qualitativa e empírica que apresenta características específicas. Ela exige um “mergulho” do pesquisador” (Travancas, 2006, p 4).

Assente numa abordagem qualitativa, a investigação apresenta aspectos subjetivos, envolvendo características de sentimento, partilha, valores, desejos, a fim de entender as relações das neotribos no espaço virtual. Através dos instrumentos de coleta de dados, observação e entrevistas semiestruturadas, alcançamos nossos resultados, os quais se apresentam de forma pontual nesta segunda parte.

No capítulo dois apresentam-se as discussões que envolvem os resultados, de acordo com nossas percepções no ambiente virtual e interpretações. Por meio das categorias de pesquisa, apresentadas neste capítulo, evidenciamos as perspectivas em que as neotribos se encontram em seus processos de sociabilidade no espaço virtual, bem como a forma como esses sujeitos interagem no facebook e constroem suas comunidades de sentidos.

## **Parte I. Enquadramento teórico**

# **CAPÍTULO 1. Culturas juvenis na contemporaneidade: conceitos e olhares sobre o fenômeno das Tribos Urbanas no século XXI**

Eu tenho mil rostos e mil nomes. Não sou ninguém, sou todos. Sou eu, sou tu. Sou aqueles lá para frente, para trás, dentro, fora, Estou em toda parte, não estou em lugar nenhum. Estou presente, estou ausente. (Burroughs, 1985, apud Canevacci, 2005, p.28)

O olhar cronológico é uma das perspectivas possíveis para envolver as juventudes, mas a temporalidade é também uma condição reducionista para compreender sujeitos que se fazem por suas práticas, simbologias e ambiguidades. Perceber os tempos, os espaços e os movimentos desses sujeitos, numa era de aceleradas e grandes transformações, é um desafio. Não se trata mais de lançar um olhar sobre agrupamentos de jovens, mas, antes de tudo, fazer uma imersão num universo marcado por profundas mutações que imprimem uma singularidade na produção cultural e social desses sujeitos, no qual se conjugam estereótipos, múltiplas referências, diferentes e diversificadas situações que dão origem às redes de ligações, organizadas, em grande parte, pelas afinidades emocionais.

Nesse sentido, tornam-se legítimas as confluências dos sujeitos que se agrupam para partilhar e expressar as suas emoções por meio de rituais. Entretanto, uma das interrogações centrais da discussão acerca das juventudes e do que presumivelmente seriam as suas práticas culturais diz respeito precisamente ao significado atribuído a essas práticas, que [...] “não são homogêneas e se orientam conforme os objetivos que as coletividades juvenis são capazes de processar, num contexto de múltiplas influências externas e interesses produzidos no interior de cada agrupamento específico”. (Dayrell, 2007, p.1110)

Trafegar nos contornos dessa discussão é assumir a diversidade de condições e modos de vida das juventudes que o mundo contemporâneo oferece aos sujeitos, considerando a existência de uma pluralidade de culturas juvenis, e não apenas uma cultura singular. Portanto, é nessa perspectiva que, neste primeiro capítulo, assumimos a posição de que falar em juventudes é reconhecer que essas se fazem em movimentos culturais e a partir desses movimentos se representam em suas atitudes.

## **1.1. Do tribalismo ao neotribalismo**

Na contemporaneidade, os jovens imprimem uma série de significações culturais numa relação singular com o próprio tempo: o presente. Tempo esse que, para a vertente das ciências sociais, é qualitativamente distinto do anterior - o moderno<sup>1</sup> pelos estilos de vida,

---

<sup>1</sup> A modernidade restringe-se a um certo período histórico, a uma certa organização cultural, socioeconômica e a certos costumes e estilos de vida que emergiram na Europa em torno do século XVII, cujas influências foram se desdobrando e se tornando mundiais. Uma das conseqüências da modernidade

pela maneira que o indivíduo se situa no mundo, e pela constituição de identidades em profusão: fluidas, complexas, líquidas e flutuantes, fruto das relações possíveis com o próprio “eu” e com o “outro”.

Michel Maffesoli (2004), um dos primeiros sociólogos que buscou alcançar ideias e conceitos a respeito das culturas juvenis e sua proliferação na roda gigante dos dias de hoje, considera que na modernidade, convivíamos em uma perspectiva mais racionalista e individualista, características próprias dessa temporalidade, sendo a condição juvenil posta na perspectiva da homogeneidade, ignorando a singularidade do ser jovem, enquanto sujeito social. Na atualidade, a condição juvenil é, invariavelmente, heterogênea, marcada pelas “identidades múltiplas” (Maffesoli, 2004, p. 28).

Tais Identidades são cada vez mais fragmentadas, provisórias, plurais e contraditórias: não-fixas, não-essenciais e não-permanentes - nômade. Híbridas por natureza.

As hibrididades permitem a milhares de indivíduos a experimentação, a invenção, a redefinição e a exibição de múltiplas identidades [...] As identidades na cibercultura ao serem assinaladas por uma instabilidade constante, influenciadas pela cultura horizontal da internet, passam a coabitar diferentes corpos, lugares e situações [...] (Couto & Rocha, 2010, p. 29-30).

É nesse contexto de movimentos fluidos, líquidos, que se colocam os jovens contemporâneos, (re)afirmando suas instabilidades nas relações, nas imprecisões das expectativas e na indeterminação de ser, numa conjuntura de leveza, ausência de peso, mobilidade e inconstância (Bauman, 2001, p.8-9). Assim, uma nova concepção de jovem se instaura, prescindindo das barreiras tradicionais sociológicas ou biológicas. “Morrem as faixas etárias, morre o trabalho, morre o corpo natural, desmorona a demografia, multiplicam-se as identidades móveis e nômade” (Canevacci, 2005, p.29). Ainda de acordo com o autor, o conceito de jovem tornou-se dilatado e plural, uma fronteira esfacelada para se chegar à condição adulta, (re)interpretando o que é ser jovem, em um movimento de extrema incerteza, imprecisão e instabilidade. De acordo com a caracterização da “modernidade líquida” feita por Zygmunt Bauman,

[...] os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam”, “borrifam”, “pingam”; são “filtrados”, “destilados”; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos - contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. [...] A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à ideia de “leveza” [...] Associamos “leveza” ou “ausência de peso” à mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leve viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos. Essas são as razões para considerar “fluidez” ou “liquidez” como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras, na história da modernidade (Bauman, 2001, p.8-9).

A condição juvenil implica diversas facetas e complexidades (Atias-Donfut, 1996), construídas a partir do “[...] interesse pela novidade, extravagância, irreverência,

---

é o processo de globalização que entre outras coisas gera o desenvolvimento desigual tanto do ponto de vista econômico quanto social (Giddens, 1991, p. 11)



espontaneidade, ousadia, rebeldia, exclusividade, diferença” (Groppo, 2000, p.30). Valores atribuídos aos jovens pelas tecnologias da informação e comunicação que vêm redesenhando outra condição cultural desses sujeitos: se agruparem em tribos no contexto da cibercultura. Nosso objetivo é demonstrar como distintas formas de sociabilidade dessas tribos se configuram na cibercultura.

Para tanto, precisamos compreender tribos. Tribos são importantes fontes de referência social, uma vez que é nelas que os jovens se submetem a menos exigências e desfrutam de mais espaços de expressão, nos quais manifestam e legitimam seus significados de vida.

As tribos são importantes contextos de desenvolvimento, sendo o estilo musical, a imagem estética e as práticas de lazer os principais elementos definidores de cada uma; [...] Quando referimos agrupamentos juvenis, eles já identificaram que vivem em seus agrupamentos por encontrar, naquele grupo, semelhanças. (Oliveira, Camilo, Assunção *et al.*, 2003, p.61).

Semelhanças não apenas na maneira de vestir e pensar, mas semelhança no sentimento de pertença, que agrega conforto. O pertencimento implica laços pessoais de reconhecimento mútuo e sentimento de adesão, tanto a princípios quanto à visão de mundo comum. Os sujeitos juvenis sentem-se participantes de um espaço-tempo, no qual são compartilhados códigos, valores e afetos que enformam um ideal comunitário.

O compartilhamento de códigos (gírias, jargões, música, pautas comportamentais), de elementos estéticos (estilos de vestir, adornar e expressar-se por meio do corpo) e de práticas sociais (relativas ao comportamento político e às formas de lazer, de circulação e apropriação do espaço urbano e da cultura) contribui para definir a imagem social de cada tribo. (Oliveira, Camilo, Assunção *et al.*, 2003, p.64)

O sentido das relações desses sujeitos caracteriza-se por práticas, envolvendo a partilha de sentidos, crenças; representa uma nova fase tribal que influencia as tribos no que se refere a identificar-se e compartilhar. Mas no que tange às tribos de jovens, sujeitos do ciberespaço, objeto desta pesquisa, optamos por denominá-las de neotribos:

[...] a sociedade contemporânea é constituída de diversos tribalismos, isto é, religiosos, esportivos, hedonistas, musicais, tecnológicos, etc. [...] "comunidade emocional" ou "nebulosa afetiva" em oposição ao modelo de organização racional típico da sociedade moderna. Nas tribos, o ethos comunitário é designado pelo conjunto de expressões que remete a uma subjetividade comum, a uma paixão partilhada. A adesão a esses grupamentos é sempre fugaz, não há um objetivo concreto para estes encontros que possa assegurar a sua continuidade. Trata-se apenas de redes de amizade pontuais que se reúnem ritualisticamente com a função exclusiva de reafirmar o sentimento que um dado grupo tem de si mesmo. (Quaresma, 2005, p 86).

Ainda de acordo com o autor, o neotribalismo caracteriza-se pela aspiração de compartilhar desejos, paixões e experiências, manifestados e vividos de uma forma coletiva. Essa vontade de partilha leva à construção e identificação dos laços sociais nos agrupamentos. O neotribalismo designa a variedade de grupos que constituem laços fortes e sólidos, nos

quais os sujeitos se agrupam em busca de estar juntos, importando apenas o compartilhamento de emoções e características que possuem em comum.

Nesses movimentos fluidos e líquidos, as tribos urbanas estão literalmente ligadas ao surgimento do neotribalismo, que, ao contrário da estabilidade do tribalismo clássico, permite que o indivíduo represente diversos papéis sociais. Isso ilustra perfeitamente o desejo de mobilidade social: essência de compartilhar e dividir, em um espaço, desejos, vontades, anseios e ideais de cada tribo. “[...] a lealdade tribal pode estar sendo canalizada para as tribos urbanas, sendo esta última uma metáfora embrionária de novas sociabilidades. Criam essa identificação e lealdade pelos gostos estéticos, pelas atitudes, pela forma de se enquadrar nesse cotidiano estetizado”. (Silva, 2007, p. 20)

Compreender o neotribalismo como uma nova maneira de reorganização dos agrupamentos humanos permite perceber, paulatinamente, as mudanças de acordo com o tempo, o momento histórico e a evolução dessas características em cada tribo. Contudo, evidencia-se o aprimoramento no convívio dos seres humanos, os quais estão em busca do bem-estar consigo mesmo e com aqueles que os rodeiam. Segundo Silva (2007, p.20),

Há uma busca pelo pertencimento, que segundo Maffesoli (1987), é um dos traços característicos do neotribalismo - fenômeno ligado aos modos de vida e às subjetividades dos jovens urbanos na contemporaneidade. Consequência de estar em um mundo predominado pela moda, pelo consumo, pelo espetáculo e pela comunicação, em ambientes cada vez mais mediados pelas tecnologias da informação e da comunicação.

Nesta perspectiva, as ações dos sujeitos decorrem do convívio em tribos, das situações vivenciadas nos contatos interpessoais, variando com o ambiente em que se encontram, com os desejos momentâneos, com metas e características daqueles que fazem parte desse convívio. O neotribalismo é uma das expressões que pode explicar as novas formas de sociabilidade, em que as afinidades e interesses momentâneos, em comum, fazem com que os agrupamentos juvenis se reúnam, apenas pela vontade de estar juntos.

[...] o neotribalismo é caracterizado pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão. [...] a efervescência do neotribalismo, que sob as mais diversas formas, recusa reconhecer-se em qualquer projeto político, não se inscreve em nenhuma finalidade e tem como única razão de ser a preocupação com um presente vivido coletivamente. (Maffesoli, 1987, p. 105-107).

A relação entre os membros de determinado agrupamento ou tribo pode ser potencializada através da partilha, já que os elementos, o convívio e os hábitos de cada tribo são particulares de cada grupo. Segundo Maffesoli (2005, p.24), “toda forma produtora de significação para um grupo determinado, pode ser insignificante para outro”, afirmando assim o pormenor de cada tribo: “as tribos comungam de valores minúsculos e num balé sem fim, chocam-se, atraem-se e repelem-se numa constelação de contornos mal definidos e totalmente fluidos”. (Maffesoli, 2005, p.18)

Entender os sujeitos tribais é, antes de tudo, compreendê-los na perspectiva das identidades formadas e transformadas continuamente, de acordo com os condicionamentos postos pelos processos culturais. De acordo com Hall, (2005, p.13) “[...] à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente”.

Nas tribos urbanas, que ora são postas, as identidades são construídas e reconstruídas continuamente, num movimento fluido, instável e provisório; cenário esse representado pelo neotribalismo, que

[...] é uma constatação empírica, ou seja, as pessoas estão se reagrupando em microtribos e buscando novas formas de solidariedade, que não são encontráveis necessariamente nas grandes instituições sociais habituais. O tribalismo refere-se, conseqüentemente, a uma vontade de “estar-junto”, onde o que importa é o compartilhamento de emoções em comum. Isso vai compor o que Maffesoli denomina como uma “cultura do sentimento”, formada por relações tácteis, por formas coletivas de empatia. Essa “cultura do sentimento” tem como única preocupação o presente vivido coletivamente. (Quaresma, 2005, p.87).

O viver coletivo, o prazer em estar junto, o pertencimento e compartilhamento, tanto de convicções quanto das visões de mundo em comum, implicam em legitimar laços de reconhecimento mútuo, no que diz respeito ao sentimento de ligação, adesão e conexão.

Esses sujeitos constroem sentidos por meio de compartilhamento de valorações presentes nos objetos simbólicos, entre eles a música, em suas diferentes expressões, o que possibilita que eles tenham um sentimento, embora efêmero, de pertença a um território, formando comunidades de sentidos. (Silva, 2013, p.66)

Comunidades essas em que ressalta o ideal comunitário de forma legítima, presente na importância da partilha de sentidos, que permite, cada vez mais, determinadas vivências comunitárias. Esses sujeitos se inserem nessas comunidades e

[...] partilham interesses comuns, vivenciam determinados valores, gostos e afetos, privilegiam determinadas práticas de consumo, [...], manifestam-se obedecendo a determinadas produções de sentido em espaços desterritorializados, através de processos midiáticos que se utilizam de referências globais da cultura atual. É a vivência desses sentidos, através do consumo de determinados objetos culturais, que permite a um indivíduo reconhecer seus pares, [...]; independentemente do território em que esses sentidos se manifestam (Janotti, 2003, p. 2).

Portanto, o reconhecimento de seus pares, os sentimentos partilhados dos sujeitos contemporâneos produz modos de vida que desvencilham os jovens de todos os tipos tradicionais de ordem social, de forma surpreendente, alterando, inclusive, suas representações. As transformações envolvidas na contemporaneidade, tanto em sua extensividade quanto em sua intencionalidade, são mais profundas do que as mudanças ocorridas nos períodos anteriores.

## 1.2. As tribos em Palmas

Palmas, a capital mais nova do Brasil, ainda está em processo de consolidação. Seus sujeitos estão em afluência e, nesse contexto, as percepções sobre tribos urbanas, em suas várias dimensões, são provisórias. Assim sendo, as identidades culturais da cidade “[...] estão em constante construção, desconstrução e reconstrução” (Couto e Rocha, 2010, p. 29). Esses fatores, que interferem diretamente no cotidiano juvenil, podem ser compreendidos como uma transição cultural, resultado da forma como foi construída e habitada a capital do Tocantins - cidade planejada e proposta como um novo celeiro de oportunidades econômicas, sociais, culturais e políticas. Isso implica na formação de identidades híbridas, líquidas e instáveis e resultantes da heterogeneidade, mobilidade de seus sujeitos. (Silva, 2013, p. 67)

A hibridização que caracteriza as identidades decorrentes dessa transição cultural agrega valores ao já existente. Nesse processo, tanto este quanto os novos valores passam por uma transformação da qual resulta uma síntese, que combina diferentes aspectos dos valores em confronto. Esse é um traço marcante dos jovens em Palmas, o que implica a existência de um mosaico cultural, sem negar os valores tradicionais. (Silva, 2013, p. 67).

Essa consonância de traços identitários, que se concede no cenário das novas culturas, das novas tribos, norteia o que Hall (2005, p.88) considera como “[...] culturas interconectadas, [que] pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular)”. Destarte, “Palmas, se constitui numa realidade cultural complexa, uma realidade político-alternativa (Canevacci, 2005) no seio da qual seus cidadãos constroem novas culturas nos territórios físicos e ciberterritoriais” (Silva, 2013, p. 67), em que seus sujeitos jovens edificam novas tribos, em incessante processo de (re)construção.

As razões da mobilidade e dinamismo das identidades contemporâneas vinculam-se às condições gerais de vida, marcadas por erupções, incoerências e surpresas. Aquilo que dura não é mais tolerado. Esse princípio é utilizado pelos jovens em seu cotidiano, marcando os corpos e contribuindo na construção de suas identidades provisórias, complexas, líquidas e flutuantes. Marcante cenário dos jovens de Palmas, no contexto das relações possíveis com o seu próprio “eu” e com o “outro”, vestindo-se e travestindo-se, de acordo com as circunstâncias.

## CAPÍTULO 2. Um Olhar Sensível às Tribos Pós-Modernas: O Hip Hop e suas particularidades

Com certeza, se é verdade que qualquer atividade humana possa ser cultura, ela não o é necessariamente ou não é ainda forçosamente reconhecida como tal. Para que haja verdadeiramente cultura, não basta ser autor de práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza. (Certeau, 1995, p. 141).

Da maneira que circunscreve as práticas sociais, enquanto modos de expressão e significação da cultura, a singularidade não anula sua essência, nem atribui o seu reconhecimento. É preciso, acima de tudo, ter significado por aqueles que se representam. Início este capítulo apresentando aspectos discursivos sobre a cultura, mergulhando nos movimentos do hip hop. Minha investigação fixa-se na perspectiva de cultura, peculiar do campo dos Estudos Culturais<sup>2</sup>, em sua vertente pós-crítica, que vem se tornando um campo respeitável e influente de teorização e investigação social. “Estes estudos se assinalam por combinar subsídios incididos dos saberes cruzados, com a convicção de que os conflitos do mundo contemporâneo ganham ao serem questionados pelo olhar do cultural”. (Silva, 2013, p. 41)

A expressão “cultura” é utilizada em diferentes campos linguísticos para substituir termos como “mentalidade”, “espírito”, “tradição” e “ideologia” (Cucho, 2002, p. 203). Tanto assim que se tornou bastante comum o uso de “cultura política”, “cultura empresarial”, “cultura agrícola”, “cultura de células”. (Canedo, 2009).

Expressões que se somam semanticamente, trazendo significados que se apresentam como uma metáfora, no sentido figurado, ao “cuidado com o desenvolvimento agrícola”, ou para indicar, de modo igual, o “esforço despendido para o desenvolvimento das faculdades humanas”, e até no que tange “ao empenho do desenvolvimento empresarial”. Contudo, os feitos artísticos e as práticas utilizadas para desenvolvê-las acabam por representar a própria cultura. Assim, reconhecemos que há diferentes culturas e não apenas uma cultura na dinâmica social e histórica contemporânea.

A cultura é compreendida como sendo parte de uma teia de significados e com ela suas interpretações, sendo os significados e os símbolos partilhados pelos sujeitos sociais, os que fazem parte dessa cultura. A cultura, por sua vez, é concebida não como poder, e sim como um contexto que permite os sujeitos serem inscritos, não sendo algo dado, posto, mas algo composto, ou seja, investido de novos significados dentro da dinâmica de tal produção.

---

<sup>2</sup> Os Estudos Culturais têm se apresentado como um campo fecundo de análise da produtividade das pedagogias culturais na constituição de sujeitos, na composição de identidades, na disseminação de práticas e condutas, enfim, no delineamento de formas de ser e viver na contemporaneidade (Costa, 2010, p. 137).

Portanto, é passível de mudanças e transformações, devendo ser compreendida no seu contexto de significação e ressignificação.

O homem é um animal suspenso em teias de significados que ele mesmo teceu, entendo a cultura como sendo estas teias, e sua análise, portanto, como sendo não uma ciência experimental em busca de leis, mas uma ciência interpretativa em busca de significados (Weber, apud Geertz, 1989, p.15).

O entendimento da cultura está associado a diversos sentidos comuns, como estudo, educação, formação escolar. Por outro lado, a cultura pode se referir “unicamente às manifestações artísticas”, tais como teatro, música, pintura e escultura. Essas expressões muitas vezes são associadas à cultura contemporânea. É possível compreender que, durante a vivência com diferentes culturas, o homem fica temporariamente preso a essas experiências, buscando interpretar os seus significados de forma a repercuti-los em seu processo de aprendizagem e organização social, envolvendo questões como identidades e cidadania, inclusão, exclusão, preconceito, racismo.

Em função dos diferentes modos de organização da vida social, a história do desenvolvimento da humanidade foi marcada pela existência de contatos e conflitos entre os grupos humanos, para se apoderarem dos recursos naturais e transformá-los em uma nova realidade. Conforme Santos (2006), as transformações pelas quais passam as culturas são conseqüências desses contatos e conflitos, visto serem bastante complexas as realidades desses agrupamentos humanos, que se unem e se diferenciam por características expressas nessas culturas.

Silva (2013) assume o conceito de cultura, apoiado na perspectiva de Hall (2006), como o “modo de estudar fenômenos sociais, políticos, econômicos etc.,” no que tange a simbolizar tudo que é contraído e partilhado pelos sujeitos contemporâneos, em constante pluralidade. A autora afirma ainda que “os Estudos Culturais permitem uma modalidade-movimento de (re)aproximação dos processos simbólicos e discursivos, num constante fluxo, sem, contudo, capturar definitivamente qualquer significado a que estejam inequivocamente ligados”. (Silva, 2013, p. 42 e 43)

Essas considerações teóricas acerca da cultura nortearão nosso olhar sobre o contexto do hip hop, um movimento que faz parte do cenário das expressões culturais de jovens das periferias. Os elementos que fazem parte da cultura hip hop, como a dança, a música, e a arte plástica, não se preocupam com suas raízes originais: os passos não são coreografados, as imagens são lépidas, o som é poético, do fundo da sua essência: tudo é constituído de passos e vozes livres, inventados, que fluem. É uma ação que acontece a partir do corpo que dança, grita, pensa, desenha, reflete; sobrevivendo dos problemas que encobrem os arcabouços sociais em que os corpos vivem. É a realidade dos contextos sociais vividos e revividos por eles.

## 2.1 O Hip Hop: origens e deslocamentos

Em muitas investigações, encontram-se denominações do termo hip hop como a forma popular de dançar, que se constituiu em saltar (hop) movimentando os quadris (hip). Nesta pesquisa, preferimos compreender o termo Hip Hop além das fronteiras do balançar e movimentar, a partir do fundo de sua essência cultural. Martins (2011, p. 1), por exemplo, afirma que a cultura contemporânea é caracterizada “pela flexibilização das fronteiras entre erudito e popular, tradição e novidade, cultura letrada e cultura oral, cultura regional e cultura global, cultura dominante e cultura dominada”.

Trata-se também da fragmentação existente entre “múltiplas afiliações, preferências, papéis sociais, etnias e gêneros” (Santos, 2006, p. 52). Nesse contexto, a cultura hip hop não se enquadra em uma configuração limítrofe como a supracitada, ela inclui todo o conhecimento num sentido ampliado e todas as maneiras como esse conhecimento é expresso.

Em uma perspectiva histórico-cultural, o hip hop surge na década de 1960, pelo Dj Afrika Bambaataa<sup>3</sup>, nos subúrbios de Nova York e Chicago, frente a uma cultura de pobreza, violência, tráfico de drogas, problemas na educação, racismo, ausência de espaço de lazer para jovens, etc. A população buscava maneiras de organizar-se internamente para enfrentar os problemas com seus próprios recursos, já que o governo, conforme ratifica Rose (1997, p. 202), foi o principal agente desta situação.

A cultura hip hop emergiu como fonte de formação de uma identidade alternativa e de status social para jovens numa comunidade cujas antigas instituições locais de apoio foram destruídas, bem como outros setores importantes. [...] A identidade do hip hop está profundamente arraigada à experiência local e específica e ao apego de um status em um grupo local ou família alternativa. Esses grupos formam um novo tipo de família, forjada a partir de um vínculo intercultural que, a exemplo das formações das gangues, promovem isolamento e segurança em um ambiente complexo e inflexível. E, de fato, contribuem para a construção das redes da comunidade que servem de base para os novos movimentos sociais.

Os problemas sociais e econômicos na época proliferavam, e cada vez mais as discussões e pensamentos sobre direitos civis e humanos progrediam, contribuindo para o surgimento de várias gangues em Brooklyn (bairro em Nova Iorque), e em vários outros locais dos Estados Unidos. O papel da música foi de extrema relevância no surgimento do hip hop, visto que, além de essencial veículo de manifestação das ideias da causa, foi o grande inspirador de sua organização, o agente que fez reunir os sujeitos.

---

<sup>3</sup> Afrika Bambaataa é um DJ estadunidense e líder da Zulu Nation. Além de ter inovado os paradigmas do electro, também é reconhecido como sendo o pai do Hip Hop por ter sido o primeiro a utilizar o termo e dar as bases técnica e artística para o “Hip Hop”, formando assim uma nova cultura que se expandia nos bairros negros e latinos da cidade de Nova Iorque e que congregava DJs, MCs, Writers (grafiteiros), B.boys e B.Girls (dançarinos de Breaking).

A música desempenha o papel cultural de articular os sujeitos, juntando pessoas para uma experiência (com)partilhada, estabelecendo vínculos efetivos e afetivos, no que tange a originalidade: a música significa as identidades de cada sujeito. Em particular, no contexto da cultura, a música, de uma forma mais ampla, aparece, para Dayrell, como definindo "espaços privilegiados de práticas, representações, símbolos e rituais nos quais os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil [...] construindo um determinado olhar sobre si mesmo e sobre o mundo que os cerca" (2002, p. 119).

Esse olhar nos revela que a música é parte integrante do cotidiano juvenil, vista e revista como um importante meio de expressão e de comunicação, evidenciando-se como um fator que determina a constituição de particularidades que dão sentido e forma as práticas culturais nos mais diversos contextos.

A música, em suas variadas expressões, revela fenômenos significativos na formação e configuração de grupos juvenis, mantendo esta, presente nas múltiplas manifestações do cotidiano desses sujeitos. Tendo em conta as variadas totalidades que a música ocupa, a sua intensa relação com a cultura, Souza (2004, p.69) evidencia, aqui, o importante papel dela no universo hip hop, no que tange ao estímulo e incentivo dos sujeitos na fruição do movimento.

[...] o surgimento do hip-hop está diretamente vinculado à história da música negra norte-americana e à luta por espaço e visibilidade por parte desse segmento. Os guetos de Nova York - habitados majoritariamente por uma população negra e pobre - foram o local onde surgiram as primeiras experiências da cultura. De lá, o hip hop se disseminou para outras áreas, obtendo força principalmente nos centros urbanos que apresentam uma deficiente infraestrutura sócio urbana.

A cultura Hip Hop abrolha a partir de ações para acabar com as guerras e disputas entre gangues que assombravam a periferia de Nova York. Jovens começaram a organizar festas em ruas, bailes em escolas, e festivais nos quarteirões pelas vielas das periferias, na incessante vontade de conter as brigas que aconteciam. Incentivaram e fomentaram batalhas artísticas, em torno de como desenvolver o grafite como forma e arte, e não como demarcação de território, e dançar o break, em vez de brigas.

Esses elementos foram trafegando pelos movimentos da periferia Nova-iorquina, ocasionando conflitos entre as gangues, que começaram a se transformar em grupos de dança e grafite, envolvidos pela disputa. A Universal Zulu Nation<sup>4</sup>, a primeira *posse*<sup>5</sup> de Hip Hop, que tinha como líder o DJ Afrika Bambaataa, foi um dos grupos mais famosos, que se transformou em instituição internacional ao longo dos tempos: a primeira organização não governamental ligada ao hip hop.

---

<sup>4</sup> Ver informação no site [www.zulunation.com](http://www.zulunation.com)

<sup>5</sup> *Posse* é o nome criado pelos integrantes do Hip Hop para as associações responsáveis por organizar o movimento e falar em nome dele (Umbelino, 2008, p.42).



Seu objetivo era atrair jovens da periferia através da dança, da música e da pintura, assim como se observa em várias ongs hoje no Brasil. A música, a dança e o grafite, além de reterem energias dos jovens evitando brigas e conflitos, despertou o interesse em buscar, conhecer e aprofundar as técnicas da música, dança e artes plásticas, expandindo a cultura hip hop nas periferias. Para escrever as letras, inventar os passos de danças, desenvolver desenhos encantadores, é preciso conhecer a realidade e a história, estar envolvido.

Assim, os movimentos de Hip Hop promovem a conscientização e a inclusão social dos sujeitos, em sua dura realidade. Realidade essa que mergulha no fundo da pobreza, do analfabetismo, do desemprego nas periferias, onde os hip hoppers compreendem e expressam os problemas que assolam seu cotidiano.

A constituição histórica do hip hop está absolutamente ligada ao contexto social, cultural e econômico que caracterizava a sociedade norte-americana, principalmente a população das periferias (Gustsack, 2003, p.36). O contexto em que o negro estava inserido na década de 1960, nos Estados Unidos, era cada dia mais desumano, por viver conflitos políticos, já que as escolas eram apenas para brancos; os ônibus tinham lugares reservados para brancos e negros, separadamente. A exclusão e o preconceito dominavam o cenário social dos Estados Unidos, que pelos anos de 1965 a 1975, vivenciaram a Guerra do Vietnã.

Os hip hoppers, com músicas intervencionistas, denunciavam as situações de iniquidade que viviam nas periferias em suas comunidades, na sinergia de um ritmo dançante com letras que espalhavam a indignação dos negros nos microfones dos MC's (cantores de Rap) e nos toca-discos dos DJ's, que agitavam a festa. Nesse sentido, McLaren (2000) ressalta a definição contemporânea de hip hop como

[...] uma forma cultural afro-diaspórica, que tenta negociar as experiências da marginalização, a oportunidade que foi brutalmente truncada e a opressão dentro dos imperativos culturais das histórias afro-americana e caribenha, a identidade e a comunidade. É a tensão entre as fraturas culturais, produzidas pela opressão pós-industrial, e os vínculos que aglutinam a expressividade cultural negra, que estabelece a base crítica para o desenvolvimento do hip hop (p. 162).

Mobilizar corpos, movimentos, sons, desenhos e espaços. Estas expressões interpretam a união de quatro elementos intrínsecos ao hip hop: Break (dança), Graffiti (artes plásticas), Rap (música), e Dj (tocador de discos). “Entre eles, há diferenças, mas todos têm um objetivo comum: a transmissão de uma mensagem consciente, relacionada com a realidade vivida em seu meio de origem [...]” (Big Richard, 2005, p. 38).



## Infográfico 1. Os quatro elementos da Cultura Hip Hop



Fonte: Elaboração da autora

O *Break* representa o corpo<sup>6</sup> na dança, um corpo que concentra energias, que tem a liberdade ilustrada nos movimentos de equilíbrio, força e leveza. Um corpo que fala, que carrega significações, que é território de interação: "Esses corpos são objetos culturais, são portadores de comportamentos" (Teixeira, 2014, p. 46).

<sup>6</sup> O corpo, nesta pesquisa, é compreendido como sintoma de cultura, como portador de comunicação. (Santaella, 2008).

Objetos que adquirem novos movimentos, livres, através de um corpo fragmentado, mutável e metamórfico, um “[...] lugar privilegiado das técnicas [...] metáfora e [...] realidade de novas subjetividades contemporâneas” (Couto, 2012a, p.46 - 47). Essas subjetividades são legitimadas de várias maneiras, entre elas na cultura hip hop. O corpo que dança o break é invadido e dilatado pela liberdade, no que se refere às técnicas, admitindo novas habilidades comunicativas, expressivas, e novas narrativas.

O *Graffiti* expressa, por meio da arte, experiências que os sujeitos vivem na periferia, como os conflitos derivados do preconceito social e racial, o desemprego, as condições de moradia, educação, saúde. Através do *Graffiti*, os sujeitos expressam a possibilidade de pintar um mundo melhor; um mundo que é vivido por eles, imerso na violência e pobreza, no qual a cultura hip hop resgata as questões causadoras de exclusão, não somente enquanto denunciadora, mas permitindo a construção de outras perspectivas de vida (Duarte, 1999).

Perspectivas essas que estão sinergicamente ligadas na vontade de conquistar seus espaços. O hip hop é a forma que os sujeitos têm de denunciar o presente, e chamar a atenção pública para os problemas enfrentados por eles nas periferias dos grandes centros.

O *Rap* está conectado ao ritmo e à poesia, sendo visto como a expressão musical-verbal da cultura hip-hop; o DJ<sup>7</sup> é o responsável pela música que serve de base para o MC<sup>8</sup> cantar. Esses elementos artísticos constitutivos do Hip Hop apresentam uma sintonia incontestável: a ligação destes carrega a essência da cultura que se movimenta e espalha pelo mundo através de seu discurso e trajetória.

## 2.2 O Brasil segue na batida

O Movimento Hip Hop me ajuda a vencer.  
MV Bill - Rapper carioca

No Brasil, o hip hop tem influências do movimento que teve início nos Estados Unidos, e nos revela suas primeiras práticas na década de 1980, especialmente na cidade de São Paulo. Com características urbanas como no contexto norte-americano, o Hip Hop no Brasil também apresenta elementos reivindicatórios, no que tange ao reconhecimento da cultura. Recai semelhantemente, como nos Estados Unidos, nas questões do racismo, nas lutas por melhorias nas periferias, sobretudo no que se considera o “berço” do Hip Hop Brasileiro, a grande São Paulo.

O Hip Hop se espalhou no Brasil pelo entusiasmo do rap e do break, que foram os primeiros elementos da cultura Hip Hop a dominar as terras brasileiras. Vinculados

---

<sup>7</sup> DJ: Disc-jockey faz os arranjos da música.

<sup>8</sup> Mestre de Cerimônia

diretamente aos bailes *Black* que ocorriam na grande capital Paulista, organizados pelo Movimento Negro, no qual se reuniam negros de classe média e média baixa, o rap e o break, gradativamente, começaram a entusiasmar e interessar alguns dos frequentadores desses bailes. Aliando elementos da capoeira aos movimentos do break, os artistas da nova modalidade de dança precisavam de espaços para praticar suas performances. Entretanto, isso foi de encontro aos interesses dos proprietários das casas em que ocorriam os bailes, pois necessitavam se reduzir a um público restrito. Com isso, o hip hop ganha força no que se refere ao espaço urbano, e passa a marcar presença nas ruas. (Felix, 2005)

Porém, para compreendermos a natureza e o alcance que o Hip Hop brasileiro teve em nosso País, necessário se faz perpassar pelo cenário do negro no Brasil após a abolição da escravidão. Por não compartilhar dos espaços públicos de socialização, a identidade do negro nem sequer era discutida: a relação do negro com a sociedade implicava uma homogeneização cultural. (Felix, 2005). A igualdade social previa a inclusão do negro na sociedade de classes, perpetuando o “branqueamento” da negritude na sociedade da época.

Na década de 1940, de acordo com Felix (2005), o Teatro Experimental Negro coliga-se às lutas para integrar o negro na sociedade, introduzindo elementos como a capoeira e o candomblé, para valorizar a cultura afro-brasileira, através da arte. A cultura começa a ocupar um espaço na luta anti-racista. Com o passar dos anos, algumas entidades surgem em função do combate ao racismo. Felix salienta que durante um concurso em praça pública - que tinha presentes representantes do presidente General Ernesto Geisel, do governador e prefeito de São Paulo -, um determinado grupo de negros da liga operária forçou a leitura de um manifesto que acusava algumas entidades culturais da época de não entender e servir os interesses da maior parte da população negra do Brasil. Posteriormente, esse grupo funda o Movimento Negro Unificado, o primeiro de “esquerda” do País. (Pereira, 2007)

A afinidade do Movimento Negro e do Hip Hop ocorre gradativamente. De acordo com Andrade (1999), o hip hop admite a superação das mazelas sociais enfrentadas nas periferias da grande São Paulo, tais como a violência, o desemprego, a pobreza, os problemas na educação. O cenário do racismo brasileiro sempre recaiu sobre a posição social ocupada em vários campos, especificamente no econômico.

Matta (1984) menciona que o preconceito racial no Brasil assenta numa questão “de marca”, enquanto nos Estados Unidos sempre foi uma questão de “origem”. Isto é, enquanto no país norte-americano não há posição de negritude, já que o discernimento que a define é cultural, no Brasil os negros podem ser “morenos” e até “brancos”, no discernimento proporcional ao status socioeconômico que se lhe confere. Portanto, o Hip Hop brasileiro cessa com o mito da democracia racial ao retificar a concepção pós-colonialista do racismo como construção política e social, evidenciando a relação entre a raça e a classe, sendo a primeira a modalidade na qual a última é vivida. (Hall, 2003)

As batalhas de break começaram a acontecer nos centros urbanos, a fim de dar visibilidade à cultura, já que estes locais eram de grande circulação de pessoas. Em frente ao Teatro Municipal, na grande São Paulo, a Praça Ramos foi o local inicialmente escolhido pelos praticantes de break. Com o passar do tempo, os passos, a sintonia, o gingado, os saltos e a habilidade do break começaram a disseminar-se pela cidade, tornando-o conhecido e admirado não só por negros, mas também por vários moradores das regiões nobres de São Paulo.

Os obstáculos foram diminuindo à medida que chegavam ao Brasil videoclipes de Michael Jackson, como Thriller, Billie Jean e Beat It, e filmes como Flashdance. O break virou moda e passou a atingir um público maior. [...] Chegou a ser apresentada em frente a uma loja do Shopping Center Iguatemi, no bairro do Itaim, região nobre de São Paulo. (Rocha, Domeninich e Casseano, 2001, pp. 49-50)

Ao contrário de outras tendências, o break não se deteve. Destaca-se até os dias de hoje, fortalecido. Com a chegada do rap, graffiti e, principalmente, com o discernimento da população em compreender a causa do movimento Hip Hop, a sinergia entre essa tribo urbana avigora-se consideravelmente, na busca incessante do pertencimento, de um objetivo em comum: substituir a violência das brigas entre grupos/gangues pela competição da dança, da música e da arte. O líder da Negroatividades, organização não governamental de Santo André, Marcelinho, refere que

Na periferia todos se encontram nas ruas, nos bairros, e a posse surge daí, reunindo dois ou três grupos de rap. É um jeito de trocar idéias sobre música, arte e os problemas da periferia, de estudar as nossas origens [...] que a escola não ensina. Também é uma união para lutar por espaço na sociedade, exigir locais para nossos ensaios e apresentações. (Amaral, 1998, p. 4, 5)

O rap chegado ao Brasil teve grande prestígio, já que suas letras relatavam a existência daqueles que passavam seus dias pelos atalhos das periferias, reforçando as suas lutas e impulsionando seus princípios. O grupo *Racionais MC's* é precursor do rap no Brasil.

A disseminação dos elementos artísticos do hip hop em São Paulo mostra que “os grupos de hip hoppers interessados e identificados com esse movimento juvenil, nascido na periferia e cuja força se encontra na música de origem negra, passaram a pesquisá-lo, difundindo-o no país” (Andrade, 1999, p. 88). A importância dada a essa cultura, e o interesse em difundi-la no país, parece estar atrelada ao fato de o hip hop ser um movimento social que “permite aos jovens desenvolver uma educação política e, conseqüentemente, o exercício do direito à cidadania” (Andrade, 1999, p. 89)

Para essa autora, “nunca na história social do país, houve uma mobilização social tão expressiva produzida por jovens negros”. A essência do Hip Hop se difunde e se consolida dia a dia no seu cotidiano, nas lutas, nos esforços e na coragem dos sujeitos que pintam seus rostos e se revestem de fôlego para gritar, bem alto, a sua existência.



### 2.2.1 Sem perder a rima

É necessário sempre acreditar que o sonho é possível, que o céu é o limite e você, truta, é imbatível, que o tempo ruim vai passar, é só uma fase, e o sofrimento alimenta mais a sua coragem, que a sua família precisa de você lado a lado se ganhar pra te apoiar se perder.

Racionais Mc's - A Vida é Desafio

Atualmente, os sujeitos que compõem as tribos do Hip Hop buscam, incessantemente, através da música, da dança, do graffiti, e das composições, uma forma de resistência e mudança da realidade, utilizando esses elementos para se estabelecerem e se reafirmarem no contexto social.

Balbino (2006) afirma que o Hip Hop é representante de sujeitos sobreviventes da guerra. Uma guerra diária, do cotidiano, pelo direito de viver e sobreviver. Este movimento “abriga” e tenta proteger os que já nascem condenados à morte. Atores reais, cercados pela miséria, fome, desabrigo, armas de fogo, tráfico e desrespeito. O Hip Hop escolhe a cultura como forma de resistência. Uma cultura marginal, que não é propriedade nem da elite nem da burguesia. A cultura de quem foi capaz de criá-la e levá-la adiante, além das fronteiras geográficas.

Definir o Hip Hop como uma peça estratégica de sobrevivência da cultura popular é dizer que ele é uma forma de dar visibilidade aos grupos que vivem em periferias e se manifestam através dos vários elementos que o compõem. É uma ação que acontece a partir do corpo que dança, fala, ilustra, reflete, sobre os problemas que se encobrem nas estruturas sociais em que os corpos coabitam.

Balbino (2006) salienta ainda que o movimento Hip Hop veio para espalhar paz, amor, distração, alegria e união. Para os sujeitos do Hip Hop, este movimento significa muito mais. Na perspectiva em que nos colocamos neste estudo, das tribos urbanas, o Hip Hop significa cultura, arte, expressão, paz, amor, soluções para os problemas locais, suas lutas, etc.,.

Cultura essa que é feita e refeita cotidianamente pelos jovens, carregada em si com a força do protesto e indignação em relação aos problemas socioeconômicos que suas comunidades vivem e revivem. São corpos e informações que perpassam em um tráfego de mão dupla, no local e no global, na concepção simbólica em que se apresenta essa cultura. Essa concepção define a cultura como o “padrão de significados incorporados nas formas simbólicas, que inclui ações, manifestações verbais e objetos significativos de vários tipos, em virtude dos quais os indivíduos comunicam-se entre si e partilham suas experiências, concepções e crenças” (Thompson, 1995, p.176).

Esse processo de partilhamento se dá mediante a realização de reuniões dos sujeitos desses grupos juvenis. É nesse processo de partilhamento dos sujeitos que se identifica a



dinâmica e/ou o movimento dos elementos simbólicos da cultura. Nesse cenário, o hip-hop é formado pela criatividade juvenil, estabelecendo um estilo de vida ditado por jovens da “periferia<sup>9</sup>”.

Os grupos juvenis urbanos periféricos passam a constituir a cultura hip hop, como forma de expressar suas angústias, reivindicações e denúncias, derivadas de um espaço social cotidiano onde a qualidade de vida, os serviços básicos do Estado como educação, saúde, segurança não existem ou são de extrema precariedade. Esses jovens se fazem enxergar, se fazem ouvir e ser notados quando começam, por meio do hip hop, a divulgar essa precariedade social, como a violência e discriminação racial, que envolve suas vidas. Richard (2005, p. 24) expressa que, “apesar de ter sua estrutura original formada nos EUA, a cultura do Hip Hop é característica de cada nação - o movimento sempre tende a retratar a realidade local”.

---

<sup>9</sup> Termo que ganha o cenário nacional, cristalizando-se como sinônimo de favela, a partir do rap “Periferia é periferia”, dos Racionais MC’s

## CAPÍTULO 3. As tribos urbanas e suas interações com as tecnologias contemporâneas: a rede social Facebook

A arte sempre foi produzida com os meios de seu tempo. Bach compôs fugas para cravos porque este era o instrumento mais avançado da sua época em termos de engenharia e acústica. Stockhausen preferiu compor texturas sonoras para sintetizadores eletrônicos, pois em sua época já não fazia mais sentido conceber peças para cravo. Mas o desafio enfrentado por ambos compositores foi exatamente o mesmo: extrair o máximo das possibilidades musicais de dois instrumentos recém-inventados e que davam forma à sensibilidade acústica de suas respectivas épocas. (Machado, 2010, p. 9)

O exemplo de Machado mostra, nitidamente, que a arte sempre foi produzida com os meios disponíveis no seu tempo. Podemos fazer esta mesma analogia com as culturas juvenis e as tecnologias da informação e da comunicação, visto que, na sua trajetória histórica, a tecnologia foi assumindo poder de transformação da vida e das sociedades humanas. Com as tecnologias da informação e da comunicação, criou-se uma expressiva capacidade de transmitir e receber informações com rapidez, superando o espaço-tempo da informação. Elas trouxeram ao mundo contemporâneo uma nova roupagem: interatividade e instantaneidade. Segundo Silva (2001, p. 1),

A interatividade é um princípio do mundo digital e da cibercultura, isto é, do novo ambiente comunicacional baseado na internet, no site, no game, no software. Interatividade significa libertação do constrangimento diante da lógica da transmissão que predominou no século XX. É o modo de comunicação que vem desafiar a mídia de massa - rádio, cinema, imprensa e tv - a buscar a participação do público para se adequar ao movimento das tecnologias interativas.

A interatividade das tecnologias digitais não tem fronteiras, já que o conteúdo pode ser modificado a cada instante, permitindo que os sujeitos sejam mais ativos no processo de comunicação, seja na troca e disseminação de informação, seja na interação com outros sujeitos. A informação se renova o tempo todo; estamos vivendo a transição da forma de comunicação massiva para a forma interativa, com o fundamento da instantaneidade, ou seja, a possibilidade de acrescentar informações a qualquer momento, gerando agilidade e tornando os sujeitos ativos nos processos de comunicação.

O conceito de tecnologia foi alvo de inúmeros estudos científicos nas últimas décadas do século XX e início do século XXI. Os discursos em torno de expressões como cibercultura<sup>10</sup>, novas tecnologias<sup>11</sup>, geração digital<sup>12</sup>, era tecnológica<sup>13</sup>, entre outras, se alastravam pelas discussões científicas, a fim de compreender o momento contemporâneo que vivemos, em

---

<sup>10</sup> “Forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática, na década de 1970” (Lemos, 2003, p. 12)

<sup>11</sup> “Embora o conceito de novas tecnologias não seja plenamente aceito entre os pesquisadores e pensadores contemporâneos (Santaella, Pretto), adota-se o termo “novas” justamente pela convergência técnica da computação e da comunicação nas esferas institucionais e sociais” (Silva, 2007, p. 29).

<sup>12</sup> “É a geração que mais teve acesso a informações até hoje. Fazendo uso das diversas possibilidades das mídias digitais, principalmente da internet”. (Silva, 2007, p. 29).

<sup>13</sup> Expressão questionada por Kenski (2004, p. 19), uma vez que a autora afirma que todas as eras correspondem ao predomínio de um tipo de tecnologia. Todas as eras foram, portanto, cada uma à sua maneira, “eras tecnológicas”. (Silva, 2007, p. 29).

que a internet se tornou um grande aliado na produção, reprodução e difusão da informação, de que é hoje um dos principais ampliadores e facilitadores.

Comunicar, relacionar-se, criar laços e conectar-se na contemporaneidade ganhou um novo caminho, na medida em que os sujeitos encontram sinergia entre modos, formas e meios de expressão. É sobre este cenário, marcado por significativas transformações nos aspectos objetivos e subjetivos de tempo e espaço, nas formas de sociabilidade e nos modos de ser e estar na contemporaneidade, que nosso olhar incide. Ele procura dar conta das diversidades, multiplicidades e complexidades das culturas juvenis, fortemente marcadas pelas tecnologias digitais, que possibilitam aos sujeitos experiências infinitas de criação e recriação do seu próprio espaço social (Silva, 2013).

É nesse contexto que, neste capítulo, se propõe uma discussão em torno das relações sociais e tecnológicas dos agrupamentos juvenis, tendo como objeto a tribo urbana hip hop, no âmbito cibercultural.

### **3.1 Sujeitos juvenis no contexto da cibercultura**

Em uma perspectiva histórica, percebemos que o surgimento das inovações tecnológicas vem provocando transformações sociais e culturais na sociedade. Várias tecnologias como os computadores, aparelhos eletrônicos e redes de comunicação têm transformado o modo de vida dos sujeitos e a própria organização social.

Lançando um olhar para este cenário no contexto juvenil, percebe-se que a juventude está imersa, cada vez mais, na cultura digital, principalmente pelo significativo aumento do uso das ferramentas da internet por jovens de todo o País. Não só pelos aspectos tecnológicos, mas fundamentalmente pela mudança social que incidiu para as ações de informar e comunicar, as tecnologias da Informação e da comunicação - TIC - têm sido consideradas como fator ímpar para a fluidez e legitimação dos agrupamentos sociais (Silva, 2007).

Segundo dados da Consultoria Teleco, de 2006 a 2013 houve um aumento de quase 30% no que se refere ao uso da internet pelos jovens brasileiros.

Gráfico 1: Evolução da utilização da internet pelos jovens no Brasil



Fonte: Elaboração da autora

Nesse cenário, marcado por significativas transformações nos aspectos reais e literais de tempo e espaço, nas formas de sociabilidade e nos modos de ser e estar no mundo contemporâneo, os sujeitos juvenis desenham experiências infinitas de criação e de recriação do seu próprio espaço social; se reajustam às novas maneiras de troca de informações, de aquisição de conhecimentos, vislumbrando perspectivas em todas as áreas em que atuam, notando o mundo como um palco mais fluído, leve, mutável e característico de si próprios.

Cercados por essas tecnologias, esses sujeitos já não são como os das gerações anteriores. Isso pode ser identificado em seu modo de se comunicar, de ver e interpretar o mundo, de aprender, de se divertir e por meio desses expedientes, formar sua personalidade. Os jovens não se conformam com a condição de simples espectadores dos acontecimentos e surgiram do movimento de reformulação das relações humanas, num processo de intensa velocidade. (Silva, p 46, 2013).

Percebemos, no entanto, que o jovem se coloca frente aos dispositivos tecnológicos, utilizando deles para partilhar e compartilhar, informar e se informar, transformando o

mundo à sua volta. Imerso no contemporâneo-tecnológico, o jovem assume o papel de autor e coautor da sua própria história, envolvido num processo de comunicar, relacionar e interagir com seus grupos.

Don Tapscott (2010) define os jovens da geração digital como agentes ativos e não mais passivos do sistema, já que eles não se limitam a olhar e copiar, mas sim a criar, modificar e construir o seu próprio conteúdo. O autor ainda acrescenta valores de dinamismo às tecnologias, pois quando estão *on-line* os jovens leem, analisam, contextualizam, criticam e compõem seus pensamentos. São jovens inovadores, antenados, entendedores do poder da mídia, que aprenderam por meio da interação.

A mídia tradicional, como a televisão, o rádio, o jornal e a revista, produz uma comunicação de massa, levando o indivíduo à passividade em relação às informações transmitidas. (Lemos, 1997). Já com as mídias digitais, a circulação dos conteúdos é flexível, mutável, ou seja, é feita de todos para todos, não há discernimento entre os emissores e receptores como nas mídias tradicionais, os sujeitos ocupam as duas posições, estabelecendo uma relação de interatividade. (Galli, 2002).

Trazendo este cenário da interatividade das tecnologias digitais para o contexto dos agrupamentos juvenis, podemos afirmar que as novas formas de sociabilidade e as novas maneiras de interação entre os sujeitos vêm ultrapassando a delimitação de um espaço físico, pois se referem a um novo espaço, entendido como virtual: o ciberespaço. No entanto, para compreendermos este espaço virtual, no qual os sujeitos da geração digital estão frequentemente se relacionando, faz-se necessário definir o conceito de sociabilidade.

Sociabilidade é aqui entendida como o conjunto de ações dos sujeitos, decorrente do convívio entre si, das situações por eles vivenciadas através do contato interpessoal, variando com o ambiente em que se encontram, com os desejos momentâneos, com as características daqueles que fazem parte do convívio. Como explicam Souza e Santos, “[...] os indivíduos compartilham ações baseadas no instante em que se vive e nas condições semelhantes nas quais se encontram” (Souza e Santos, 2009, p. 6).

No que se refere às tribos urbanas, os jovens que as integram escolhem conviver por características como a conformidade de pensamentos, hábitos, formas de agir e até de se vestir, legitimando um espaço, seja ele físico ou virtual, para compartilharem emoções, anseios, desejos e valores em comum. Os sujeitos juvenis e seus grupos apropriam-se de um espaço, com a necessidade de comunicar e se identificar, além de partilhar e conviver uns com os outros. No âmbito sociocultural dos agrupamentos juvenis, as redes de sociabilidade evidenciam a não necessidade de interação com algo fixo: os jovens não se restringem mais ao estável, preferem o instável, o flexível.

### 3.1.1 Os movimentos de cultura no ciberespaço

Há um lugar comum, na contemporaneidade, onde os sujeitos juvenis e seus agrupamentos se encontram e interagem, relacionando-se de maneira dinâmica, móvel e fluida: o ciberespaço, o espaço virtual possibilitado pela rede internet. No ciberespaço, há inúmeras ferramentas de comunicação que encantam os jovens, a exemplo das redes sociais como o Facebook, o Twitter, o Instagram, etc. Esse conjunto de ferramentas, que possibilita aos jovens se comunicarem de forma mais rápida, tem sido apresentado como um lugar de extrema interatividade.

Lévy (1999) define ciberespaço como um “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores.” Segundo ele,

Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de rede hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço. Esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação. A perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do próximo século. (p. 92-93)

O ciberespaço é o que conhecemos como “rede”, é a funcionalidade da comunicação assente na interconexão global dos computadores. O termo faz alusão ao agregar de todo esse universo: o infinito de informações, a infraestrutura material da comunicação digital, além dos sujeitos que navegam e alimentam esse universo. Rede aqui é compreendida como fluxo de relações entre sujeitos e as interfaces digitais: uma híbrida relação, na qual qualquer conteúdo pode ser produzido e disseminado no e pelo ciberespaço. Serra explica que “o Ciberespaço não é nem um mero espaço matemático nem uma simples metáfora de ficção científica, mas uma “nova fronteira”, um “novo mundo” que está aberto à ação dos novos “exploradores” e “colonizadores”. (Serra, 1995, p. 22).

Um espaço que suporta a nova dinâmica de publicar, difundir e receber qualquer conteúdo, em qualquer lugar, e a qualquer hora; característica esta que o diferencia das mídias tradicionais. O ciberespaço integra uma pluralidade de mídias, como televisão, revista, jornal, cinema, rádio, bem como as inúmeras interfaces que proporcionam comunicações síncronas e assíncronas, como os chats e fóruns de discussão, blogs, entre outros. O digital vem transformando essas mídias, como explica Santaella,

Transmissão digital quer dizer a conversão de sons de todas as espécies, imagens de todos os tipos, gráficas ou videográficas, e textos escritos em formatos legíveis pelo computador. Isso é conseguido porque as informações contidas nessas linguagens podem ser quebradas em tiras de 1 e 0 que são processadas no computador e transmitidas via telefone, cabo ou fibra ótica para qualquer outro computador, através de redes que hoje circundam e cobrem o globo como uma teia sem centro nem periferia, ligando comunicacionalmente, em tempo quase real, milhões e

milhões de pessoas, estejam elas onde estiverem, em um mundo virtual no qual a distância deixou de existir. (Santaella, 2001, p. 14)

Nesse curso, os jovens, em seus agrupamentos tribais, produzem no ciberespaço códigos que são mobilizados pelos vários espaços heterogêneos que encontramos na internet; sendo este espaço irresistivelmente provocador de liberdade, ele leva os jovens a criar, absorver, repassar, selecionando o que lhes agrada, o que lhes interessa consumir e transmitir.

O ciberespaço cria um mundo operante, interligado para ícones, portais, sítios e homes pages, permitindo colocar o poder da emissão nas mãos de uma cultura jovem, tribal, gregária, que vai produzir informação, agregar ruídos e colagens, jogar excesso ao sistema....talvez estejamos buscando pelas tecnologias uma nova forma de agregação social (eletrônica, efêmera e planetária). (Lemos, 2004, p. 87)

Nessa perspectiva sócio-tecnológica, a ambiência cultural ascende ao que se designa cibercultura; que vem fomentando as novas possibilidades de socialização permitidas pelo ciberespaço. No entanto, discutir cibercultura é entrar num campo de percepções táteis, visuais e sonoras, que é composto por um 'estilo', um modo de ser, dinâmico e veloz, próprio do comportamento dos sujeitos juvenis. Cibercultura é a cultura na contemporaneidade, sustentada pelas tecnologias digitais. Não significa uma utopia, é o presente; vivemos e respiramos cibercultura, sendo atores e autores envolvidos no acesso e uso dinâmico das tecnologias de informação e comunicação (TICs).

A cibercultura é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais. Vivemos já a cibercultura. Ela não é o futuro que vai chegar, mas o nosso presente (homebanking, cartões inteligentes, celulares, palms, pages, voto eletrônico, imposto de renda via rede, entre outros). Trata-se assim de escapar, seja de um determinismo técnico, seja de um determinismo social. A cibercultura representa a cultura contemporânea sendo consequência, direta da evolução da cultura técnica moderna. (Lemos, 2003, p.11)

De forma mutável e fluida, influencia a sociedade com formas originais de transmissão de informações. Essa indústria de conhecimentos não é utópica ou vindoura, é hodierna, real, palpável. Lévy, por exemplo, evidencia uma característica relevante da cibercultura: a fugacidade da mudança. Segundo ele, a era digital é dotada de uma fluidez intrínseca que a sustenta em constante transformação.

Aquilo que identificamos, de forma grosseira, como 'novas tecnologias' recobre na verdade a atividade multiforme de grupos humanos, um devir coletivo complexo que se cristaliza sobretudo em volta de objetos materiais, de programas de computador e de dispositivos de comunicação. (Lévy, 1999, p. 28)

Dispositivos esses que permitem aos sujeitos juvenis estar em vários espaços dentro da rede, compartilhando informações, suas práticas sociais, valores e princípios, suas vivências: partilhando sentidos. Lemos e Lévy (2010) explicam que a cibercultura apresenta três princípios que enfatizam a autonomia dos sujeitos nas ações de produção e circulação de conteúdo no universo virtual: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva.

O primeiro princípio refere-se à ausência de barreiras espaciais e temporais na simbiose sujeito-universo: “cibercultura aponta para uma civilização da telepresença generalizada” (Lévy, 1999, p. 127), ou seja, é o que estabelece as relações entre computadores, meios de comunicação, sujeitos e seus agrupamentos. Já o segundo reporta-se à criação de comunidades virtuais que são estruturadas a partir de afinidades, quer sejam apenas temáticas e pontuais, quer sejam culturais e permanentes - imperando a fluidez simbiótica que as tecnologias permitem, as comunidades virtuais se tornam uma extensão do primeiro princípio, por aquela estar intimamente conectada à interconexão. Os sujeitos exploram outras possibilidades de comunicação e relações.

E, por fim, a inteligência coletiva “representa o apetite para o aumento das capacidades cognitivas das pessoas e dos grupos, quer seja a memória, a percepção, as possibilidades de raciocínio, a aprendizagem ou a criação” (Lemos e Lévy, 2010, p. 14), isto é, refere-se essencialmente à maneira como os sujeitos produzem conhecimento, conteúdo, cultura.

Nesta perspectiva, os sujeitos juvenis legitimam suas interações no mundo virtual, interligados e integrados uns com os outros, num algoritmo de afinidades, por interface da rede. Vídeos, fotos, áudios, músicas são compartilhados em diferentes plataformas e redes sociais, num espaço - ciberespaço - que “é o hipertexto mundial interativo, onde cada um pode adicionar, retirar e modificar partes dessa estrutura telemática, como um texto vivo, um organismo auto-organizante” (Lemos, 2002, p. 131); um “ambiente de circulação de discussões pluralistas, reforçando competências diferenciadas e aproveitando o caldo de conhecimento que é gerado dos laços comunitários, podendo potencializar a troca de competências, gerando a coletivização dos saberes”; (Lemos, 2002, p. 145).

Desse modo, os sujeitos juvenis circulam pelo ciberespaço, por meio das várias interfaces da rede, conectando-as com suas tribos urbanas.

### **3.2 Redes sociais digitais**

É inquestionável que, no âmbito comunicacional, a contemporaneidade tem o mundo digital como campo central. As experiências coletivas, as relações sociais dos agrupamentos, o compartilhamento de opiniões e desejos, a criação de conteúdos, entre outros, unem o cotidiano de quem está entrelaçado nos ambientes do cenário digital. Quando falamos de comunicação digital estamos reforçando seu caráter mutável e dinâmico, que tem a sua base no que denominamos de redes sociais. Essas redes implicam um processo de comunicação que se fundamenta nos usos das tecnologias digitais da informação e comunicação e de todas as ferramentas delas oriundas, disponíveis para a interação de cada um dos indivíduos com seus pares.



Termos como “mídias sociais” e “web 2.0”<sup>14</sup>, além de fazerem parte de uma heterogeneidade de definições, são vistos como ferramentas de comunicação das redes sociais contemporâneas.

Lançando um olhar sobre essas redes sociais, podemos afirmar que sua essência é a estrutura, na qual não é possível isolar os atores sociais de suas conexões. As redes sociais se manifestam desde os primeiros movimentos das relações afetivas ou profissionais entre as pessoas, com o objetivo de compartilhar ideias e valores. São, antes de tudo, redes de comunicação que envolvem a linguagem simbólica, os limites culturais e as relações de poder, o que significa que as redes sociais não são algo palpável, mas atuam em um mundo subterrâneo, no qual podem ser traçadas múltiplas trajetórias.

Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: *atores* (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas *conexões* (interações ou laços sociais) [...]. Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem da rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões (Recuero, 2009, p. 24).

Os atores das redes sociais tradicionais moldam as estruturas sociais por meio das suas interações e da constituição de laços sociais concretos, que permitem a identificação dos sujeitos que interagem. As conexões, por sua vez, podem ser percebidas de diferentes maneiras. Em termos gerais, são constituídas pelos laços sociais, decorrentes da interação social entre atores. (Recuero, 2009, p.30).

No cenário desterritorializado do ciberespaço, as redes sociais digitais são constituídas de fluxos de informação. Elas, além de sobrelevarem os limites impostos pelos espaços vividos, vêm fomentando interações virtuais de culturas, contatos e ideias que definem e conduzem as escolhas das relações pelos sujeitos juvenis.

Na internet, as interações são percebidas porque existe a possibilidade de manter os rastros sociais dos sujeitos, pois eles (os rastros) ali permanecem: “Essas interações são, de certo modo, fadadas a permanecer no ciberespaço, permitindo [...] a percepção das trocas sociais, mesmo distantes no tempo e no espaço, de onde foram realizadas”: a interação é ação com reflexo comunicativo entre o sujeito e seus grupos (reflexo social), tem caráter social perene e está diretamente relacionada ao processo comunicativo. (Recuero, 2009, p. 30 e 31).

---

<sup>14</sup> O termo Web 2.0 foi cunhado em 2004 por Tim O’Reilly, consultor norte-americano, em uma conferência para discutir como a web estava produzindo sistemas, aplicativos e ferramentas que cada vez mais municiavam o usuário para ações de comunicação e relacionamento autônomas, sem a intervenção dos conhecidos veículos de mídia. A primeira definição que O’Reilly atribuiu ao termo foi: “um conjunto de princípios e práticas que agregam um verdadeiro ‘sistema solar’ de sites, todos contendo alguma forma de ação participativa.” O autor indicava como princípios que regem a Web 2.0: o do posicionamento estratégico; o do posicionamento do usuário; e o princípio da rede como geradora de competências. (Corrêa e Lima, 2009, p.16)

A interação que se dá no ciberespaço tem suas particularidades. A primeira delas é a inexistência da linguagem não-verbal e da interpretação do contexto em que se dá a interação, uma vez que tudo é construído pela mediação do computador. O segundo aspecto diz respeito às possibilidades de comunicação das ferramentas utilizadas pelos atores: há uma multiplicidade de ferramentas que suportam essa interação. (Recuero, 2009, p. 31).

No Facebook, Instagram, Twitter, comunidades virtuais, entre outros, as relações têm impacto social: em diferentes dimensões, os sujeitos são unidos por uma conexão, quase sempre em virtude de um contato pessoal ou de um amigo comum. Assim, surgem milhões de atores na estrutura comunicativa, que a partir de suas conexões, são capazes de produzir, repartir e tecer subjetividades, criando ligações coletivas de interação.

Na era das conexões, os sujeitos dessas culturas são percebidos a partir de sua estreita relação com a cibercultura e o tratamento dado a estes se esforça em considerar as determinações materiais, históricas, culturais e políticas, inerentes a toda e qualquer produção social. (Silva, 2013, p. 37)

A partir dessa ótica, percebe-se que as redes sociais digitais (re)ajustam as subjetividades, perspectivas e desejos dos sujeitos juvenis, modificando a maneira pela qual se trocam informações e se obtém conhecimentos. Teixeira (2014) afirma que “Nessa teia comunicativa emergem milhares de atores interconectados que constroem, compartilham, tecem subjetividades, de modo que contextos coletivos de interação são estabelecidos.” (p.43).

Inaugurar territórios, saltar muros e quebrar barreiras: são expressões que configuram os sujeitos juvenis no cenário das redes sociais digitais, no que tange à essência do compartilhar. É no processo de compartilhamento de valores, opiniões, ideais, experiências dos sujeitos e suas tribos que se identifica a dinâmica e/ou o movimento de interação dos mesmos nas redes sociais digitais.

### **3.2.1 O Facebook enquanto rede social digital**

Representadas como nova tendência de compartilhar informações, fotos e contatos, as redes sociais digitais tomam conta do cotidiano de sujeitos de diversos locais do mundo. Enquanto plataforma de uma das maiores bases de usuários do mundo, o Facebook - território desta pesquisa - é um fenômeno mundial, que diuturnamente, atrai milhares de novos usuários. Ele proporciona interação basicamente por comentários a perfis, grupos, aplicações e jogos, com amplas ferramentas que possibilitam o controle de acesso ao conteúdo publicado; um espaço de partilha de experiências em comum, discussões de ideias, no qual os sujeitos podem escolher com quem e como querem manter contato.

Tendo seu projeto iniciado em 2003, por Mark Zuckerberg - americano e aluno da universidade de Harvard, naquela época -, o Facebook foi originalmente lançado em 2004 e

denominado Thefacebook. No entanto, foi apenas em 2006 que a plataforma passou a ser aberta a qualquer internauta. Segundo Recuero (2009), a princípio, o Facebook foi direcionado a alunos recém-formados do secundário (*High School*) e estudantes da universidade, nos Estados Unidos.

O foco inicial do Facebook era criar uma rede de contatos em um momento crucial da vida de um jovem universitário: o momento em que este sai da escola e vai para a universidade, o que, nos Estados Unidos, quase sempre representa uma mudança de cidade e um espectro novo de relações sociais. O sistema, no entanto, era focado em escolas e colégios e, para entrar nele, era preciso ser membro de alguma das instituições reconhecidas. (Recuero, 2009, p.171)

Através de perfis e comunidades, o acesso ao Facebook é totalmente privado, já que apenas os usuários que fazem parte da rede podem acessar o perfil uns dos outros. Segundo dados disponíveis no site oficial do Facebook,<sup>15</sup> o intuito da rede é oferecer aos usuários a possibilidade de eles se comunicarem com a família, amigos, colegas de trabalhos etc., com eficiência. O Facebook

[...] tem como características armazenar e trocar experiências, gerenciar o conhecimento, reproduzir e gerar conexões entre pessoas e organizações (MEIRA *et al*, 2011). Isso se dá em processos como: a elaboração de um perfil, com informações básicas como sexo e idade até informações sobre preferências culturais, religião e ideologia política. (Teixeira, 2013, p. 44)

Com a ideia de conectar o mundo, a rede Facebook busca sempre ser ágil e eficaz nas suas tomadas de decisões, no que tange à resolução criativa de problemas. Com ousadia, procura sempre desenvolver novos produtos, sem perder a essência da interação entre os usuários. Através de funções simples, o Facebook tem interface agradável e inteligente; aplicativos como fotos, vídeos, páginas, grupos e eventos possibilitam aos indivíduos ter acesso e compartilhar o que desejam. De acordo com dados disponíveis na própria empresa<sup>16</sup>, o Facebook, atualmente, possui mais de 890 milhões de usuários ativos; e 745 milhões de usuários ativos utilizando plataformas móveis como smartphones, tablets, etc.

### 3.2.2 As tribos ciberculturais no território do Facebook

Compreender tribos ciberculturais no cenário pós-moderno é, antes de tudo, compreender os sujeitos pertencentes a esses agrupamentos e suas novas possibilidades de estarem no mundo com as tecnologias contemporâneas, bem como as lógicas de reconhecimento dessas possibilidades. São estilos de vida, possibilidades de outros comportamentos, diferentes representações estéticas que se processam nos usos e manejos das tecnologias digitais (Silva, 2012, p.336). Esses sujeitos são constituídos de “[...] corpos híbridos em mentes diáfanos, em decorrência das contínuas tentativas de consumo de produtos culturais postos pelo [movimento] contemporâneo” (Silva, 2007, p.16). Ainda de acordo com a autora, “a cultura juvenil trafega em meandros digitais, que possibilitam a

<sup>15</sup> FACEBOOK. Home. 2015. Disponível em: <https://newsroom.fb.com/> Acesso em: 10 de março 2015.

<sup>16</sup> FACEBOOK. Statistics. 2015. Disponível em: <http://newsroom.fb.com/company-info/> Acesso em: 09 de março de 2015.

formação de valores e de saberes expressos na linguagem, nas sociabilidades e na estética” (p.76).

Nessa perspectiva, destacam-se as potencialidades que as tecnologias digitais possuem na mobilização dos sujeitos juvenis e seus agrupamentos. Os agrupamentos juvenis são aqui tomados na perspectiva de Maffesoli (1998). Segundo o autor, eles são novas formas de organização juvenil que se constituem nas sociedades contemporâneas, observadas, principalmente, nas grandes metrópoles, e que se caracterizam, principalmente, pelas partilhas de ideais e pela ocupação dos mais diversos espaços sociais. Ainda de acordo com o autor, os sujeitos desses agrupamentos não se limitam a pertencer a um espaço, mas sua característica de mobilidade - por serem sujeitos da cibercultura - os coloca na condição de trânsito por várias comunidades e espaços, por meio das tecnologias contemporâneas.

É nesse movimento que novas tribos vão se constituindo, e permanecem interligadas através de conexões com redes sociais digitais, impondo suas formas de ser e estar na contemporaneidade. Reforçando este pensamento, Couto e Rocha salientam que os sujeitos juvenis utilizam-se do território digital para “[...] demonstrar sentimentos, percepções, desejos, gostos que poderiam ser ridicularizados e promotores de constrangimentos na vida *off-line*, mas que são celebrados e festejados na dinâmica efêmera e plural da internet” (Couto & Rocha, 2010 p.29).

Nesse território plural e efêmero, os sujeitos juvenis e suas tribos urbanas assumem e evidenciam seus ideais, valores, vontades e marcas corporais, sem nenhuma preocupação, já que o estar conectado representa “Leveza, ausência de peso, mobilidade e inconstância” (Silva, 2013, p.46). É neste contexto que se inserem as tribos urbanas do hip hop, que nas redes sociais digitais partilham de um sentimento em comum, sendo a música, a dança, os desenhos multicoloridos e as composições - elementos da cultura hip hop - legitimados no ciberespaço, energizados pelo motivo que os move: o pertencimento.

De acordo com Teixeira (2013), “a temática do sentimento de pertencimento é marcada pela presença dos jovens que transitam nesse universo cibercultural” (p. 49), no qual atua no “imaginário social, nas diferentes formas de organização da vida individual e coletiva [...]” (Sousa, 2010, p.34). O “pertencer” carrega em si significações de conformidade de pensamentos, hábitos comuns, sentimentos e desejos, formas de agir e até de se vestir; um sentimento que se manifesta através de um espaço de fala - o Facebook - dos sujeitos juvenis em busca do ser, aparecer e pertencer, já que “esse sentimento de pertencimento se traduz em discursos que subsidiam a participação desse sujeito jovem na busca por novas práticas de convivência. No Facebook, ele atua, encena, aparece e se promove” (Teixeira, 2013, p. 49).

Contudo, esse processo de pertencimento envolve o participar e compartilhar, que se dá mediante a realização de encontros - virtuais - dos agrupamentos juvenis. É nesse processo

de partilhamento dos sujeitos que se identifica a dinâmica e/ou o movimento dos elementos simbólicos da cultura hip hop. É nessa perspectiva que, no próximo capítulo, passamos a discutir as interações das tribos urbanas hip hop na cidade de Palmas, no território Facebookiano.

## **Parte II. Estudio empírico**

## Capítulo 4 Metodologia e desenho da investigação

Este primeiro capítulo da segunda parte da dissertação evidencia o percurso metodológico que utilizamos para realizar o estudo empírico, bem como o tema, problema, objetivos, abordagem e os instrumentos de coleta de dados.

### 4.1 Tema e Problema

O tema desta dissertação é as neotribos de Palmas e suas interações com as tecnologias da informação e comunicação em seus processos de socialização. O problema que orientou este estudo perpassou pelo cenário da cultura hip hop, especificamente na cidade de Palmas, TO - Brasil.

Como vimos na I Parte deste estudo, nas últimas décadas o Hip Hop vem sendo admitido e discutido por vários autores como um dos fenômenos socioculturais importantes na contemporaneidade. Em Palmas - TO, Brasil, pode-se afirmar que existem fragmentos do movimento Hip Hop em alguns espaços urbanos. Entretanto, praticamente inexistem pesquisas sobre esse movimento cultural nas redes sociais digitais, sobre juventudes e produção de sentidos desses sujeitos no cenário palmense. Por isso, a pergunta que norteou este estudo foi: Como as neotribos de Hip Hop, existentes na cidade de Palmas, interagem na rede social digital Facebook, e como o ambiente virtual interfere nas construções das comunidades de sentidos desses sujeitos?

### 4.2. Objetivos

A pretensão deste trabalho foi investigar e discutir como as neotribos de Hip Hop, existentes na cidade de Palmas, interagem na rede social digital Facebook, e como esse ambiente virtual interfere nas construções das comunidades de sentidos desses sujeitos.

Para tanto, estipulamos os seguintes objetivos específicos:

1. Identificar e descrever as tribos urbanas Hip Hop que frequentam o espaço Facebook, na cidade de Palmas - TO.
2. Mapear as marcas de linguagens e as negociações de sentido das tribos Hip Hop imersas na rede social digital Facebook.
3. Explicitar, a partir dessas marcas de linguagem e negociações de sentido, as interferências da rede social digital Facebook na construção de sentidos desses sujeitos.

### 4.3. Métodos e técnicas de investigação

Compreender os diversos papéis sociais que os grupos juvenis contemporâneos assumem diante do universo em que se vivem requer um estudo minucioso.

Para isso, traçamos rotas, buscamos alternativas e trilhamos novos caminhos. Acima de tudo procuramos, através de indicadores teórico-metodológicos, respostas durante o trajeto das experimentações.

Verificar o objetivo traçado é peça-chave para compreender a sua natureza. Como explica Santaella (2001, p.186), “o método dá suporte a uma pesquisa e conscientiza o pesquisador do tipo de pesquisa que está realizando: é a natureza da pesquisa que define os métodos”.

Pesquisar um objeto que envolve identidades provisórias, complexas, líquidas e flutuantes, no contexto das relações possíveis com o seu próprio “eu” e com o “outro”, vestindo-se e travestindo-se, de acordo com as circunstâncias e com os ciberespaços em que estão inseridos, implica compreender sua origem e suas construções de sentido. Essas perspectivas nos ajudaram em nossas escolhas metodológicas.

Nesta pesquisa trabalhamos com significados, motivações, valores e crenças, objetos simbólicos que não podem ser quantificados. Logo, o método de pesquisa adequado a este estudo foi o netnográfico. Essa opção surgiu em virtude de o objeto de pesquisa estar imerso na cibercultura e da necessidade de se considerar a visão antropológica da sociabilidade nas redes sociais. O método da netnografia nos conduziu a compreender signos, valores, linguagens e discursos desses sujeitos envolvidos num movimento cibercultural.

A netnografia é a transposição da etnografia para o espaço na internet. Por sua vez, a etnografia se configura num cenário de pesquisa empírica que

[...] faz parte do trabalho de campo do pesquisador. E é entendida como um método de pesquisa qualitativa e empírica que apresenta características específicas. Ela exige um “mergulho” do pesquisador, ou seja, não é um tipo de pesquisa que pode ser realizada em um período muito curto e sem preparo. É fundamental, como etapa anterior à etnografia propriamente dita, um levantamento bibliográfico sobre o tema, a partir da leitura de clássicos e de outros estudos contemporâneos sobre o assunto e afins. Isso porque o pesquisador precisa estar minimamente “iniciado” no seu tema. Precisa saber o que já se disse e escreveu sobre o grupo escolhido antes de “entrar” nele. Saber quais as dificuldades e os riscos que vai encontrar. (Travancas, 2006, p 4).

A etnografia oportunizou a aproximação do pesquisador ao seu objeto de pesquisa e a possibilidade de construir conhecimentos na perspectiva dos sujeitos pesquisados.

Este estudo teve como foco as relações juvenis na cultural digital, a partir da produção dos elementos que fazem parte do movimento *Hip Hop*. A realização deste estudo



implicou interagir com os sujeitos investigados no ambiente digital, concentrando-nos em suas interações e nas suas construções de significados e sentidos. A abordagem qualitativa, de cunho descritivo e analítico, foi a opção que melhor se encaixou neste estudo, por trabalhar o universo de crenças, valores, significados e outros constructos de natureza abstrata (Minayo, 2007).

A escolha pela abordagem qualitativa se fez em função de estudar o comportamento dos participantes da pesquisa, uma vez que esses fazem parte de um contexto contemporâneo em constante transformação, que imprime no indivíduo uma identidade fragmentada, instável e móvel. “A pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes” (Lüdcke & André, 1986, p.13).

A abordagem qualitativa implicou em uma observação aprofundada das interações das tribos de *Hip Hop* imersas no Facebook, assim como em entrevistas semiestruturadas no ambiente virtual, visando compreender o processo de construção de sentidos dos sujeitos envolvidos. Sobre a observação, Ludke e André (2004) afirmam que:

A observação permite que o observador chegue mais perto da “perspectiva dos sujeitos”, um importante alvo nas abordagens qualitativas. Na medida em que o observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações (p. 26).

Por sua vez, as entrevistas semiestruturadas deram eco às múltiplas vozes e revelaram as dimensões dos sujeitos pesquisados.

[...] a entrevista é um rico e pertinente recurso metodológico na apreensão de sentidos e significados e na compreensão das realidades humanas, na medida em que toma como uma premissa irremediável que o real é sempre resultante de uma conceituação; o mundo é aquilo que pode ser dito, é um conjunto ordenado de tudo que tem nome, e as coisas existem através das denominações que lhe são emprestadas (Macedo, 2006, p.165).

Esta pesquisa foi realizada durante o 1º semestre de 2015 e no momento de observação prévia, que decorreu entre os dias 3 e 22 de abril, buscamos identificar as neotribos de hip hop, existentes na cidade de Palmas, que estão presentes no Facebook. Foram encontradas três neotribos no território virtual facebokiano, sendo elas a *RDV Crew*, *Sombras do Hip Hop* e *Vida Nova*. Perpassamos por suas páginas e perfis, visando levantar o maior número de elementos possível que nos permitisse mais conhecimentos sobre as tribos urbanas de hip hop que trafegam no universo virtual.

As entrevistas aconteceram na rede social digital Facebook, através do Messenger; criamos uma conversa no Messenger, incluindo todos os integrantes de cada neotribo, formando assim três conversas separadas. Aconteceu durante os dias 25 de abril a 10 de maio de 2015, sem delimitar tempo, já que o perfil desse instrumento é informal. Todas as

conversas estão registradas no facebook da autora. Selecionamos um conjunto de questões sobre o tema em estudo e deixamos que os entrevistados falassem livremente. Delineamos o nosso caminho de acordo com as seguintes categorias de pesquisa: perfil da tribo; relação com a rede social digital Facebook; comunidades de sentido.

## Capítulo 5. Análise dos resultados

No Brasil de hoje, ao contrário do que acontecia antes, as juventudes dispõem de uma significativa visibilidade. A opinião pública agendada - a mídia, a universidade, as instituições governamentais e as ONG's - tem dado um cada vez maior destaque aos jovens nestes últimos anos. A publicidade e a propaganda têm divulgado produtos e serviços direcionados especificamente a esses públicos. Os cadernos *teen* dos jornais, programas de televisão, revistas e outros meios destacam-se no processo de potencialização do consumo dessa categoria, uma vez que focam temas relacionados a comportamento, moda, estilo de vida, esporte, lazer e gosto musical dos jovens. Com os olhares direcionados às juventudes, as universidades passaram a eleger a condição juvenil como temática e problema de pesquisa, em especial nos programas de mestrado e doutorado.

Estudar as juventudes, em especial no espaço palmense - cenário desta pesquisa -, implica novas formas de apreender os sentidos de agrupamentos sociais e sua interação com as tecnologias digitais. Tecnologias essas que apresentam um espaço fluído, sem fronteiras, em que tudo parece se transformar a cada instante. As tecnologias digitais são mutantes, as linguagens são recriadas e ressignificadas nos mais diversos espaços virtuais: um entrelaçado de “nós” em conexão com o mundo, permitindo e transmitindo a ligação dos sujeitos. Com isso, as relações ganham novos contornos, o que as torna mais flexíveis, conectando uns sujeitos com os outros de modo independente do espaço geográfico.

Neste ciberespaço, os jovens são percebidos como construção/reconstrução interminável - infinitos, deslocados, exilados e desmoldurados. Sujeitos atemporais, não mais sujeitos situados e datados, mas “[...] um sujeito que será preparado, confeccionado, no sentido de futuro, pois o sujeito do presente já não interessa, já está ultrapassado, como um objeto descartável” (Couto, 2010, p. 27).

A marca principal da condição juvenil é a transitividade<sup>17</sup>, o movimento entre o ser e o estar no território virtual. “Transita-se ao longo de uma condição variável e indeterminável, atravessa-se essa condição de acordo com modalidades determinadas pelas individualidades momentâneas do sujeito-jovem” (Canevacci, 2005, p. 30-31). A moderna condição de ser jovem carrega em si uma multiplicidade de significados. Os jovens constituem uma geração extremamente adiantada no que tange às vias digitais de comunicação; enxergam as novas mídias como algo natural, inerente ao mundo em que vivem: “[...] um espaço que representa o conceito de rede e no qual a geografia física não importa, pois qualquer lugar do mundo

---

<sup>17</sup> O vocábulo *transitar* significa passar, andar, caminhar de um lado para o outro, mas também mudar-se de estado, de condição. Inspirado por esse conceito denotativo da palavra, Canevacci (2005) utiliza o termo *transitividade* para significar as mudanças impostas aos jovens pelas circunstâncias de cada momento vivenciado por eles. (Silva, 2013, p.47)

fica à distância de um clique” (Santaella, 2007, p. 178), circunstância que facilita a mobilidade no e do conhecimento, as trocas de saberes e a construção coletiva de sentidos.

Para as juventudes, os espaços digitais, além de lugar de interconexões, são também espaços de relacionamentos, nos quais os contatos se renovam continuamente, contemplando a necessidade humana de estar com o outro - mas agora tendo o espaço virtual como o território “natural” de encontros. Neste espaço são constituídas as comunidades fornecedoras de informações que serão transformadas em conhecimento, a partir de e no espaço de práticas sociais (re)configuradas, num movimento de desterritorialização.

[...] territórios simbólicos que possibilitam a manifestação de sentidos, presentes na produção discursiva das culturas midiáticas. Dessa forma, se não se partilha o território físico, continua-se a partilhar imagens, vestuários, posicionamentos corporais, valorações presentes nos objetos culturais que fundam esses territórios simbólicos, possibilitando, aos membros das comunidades, reconhecerem-se dentro desse território, independente das fronteiras geográficas tradicionais (Janotti, 2003, p. 5).

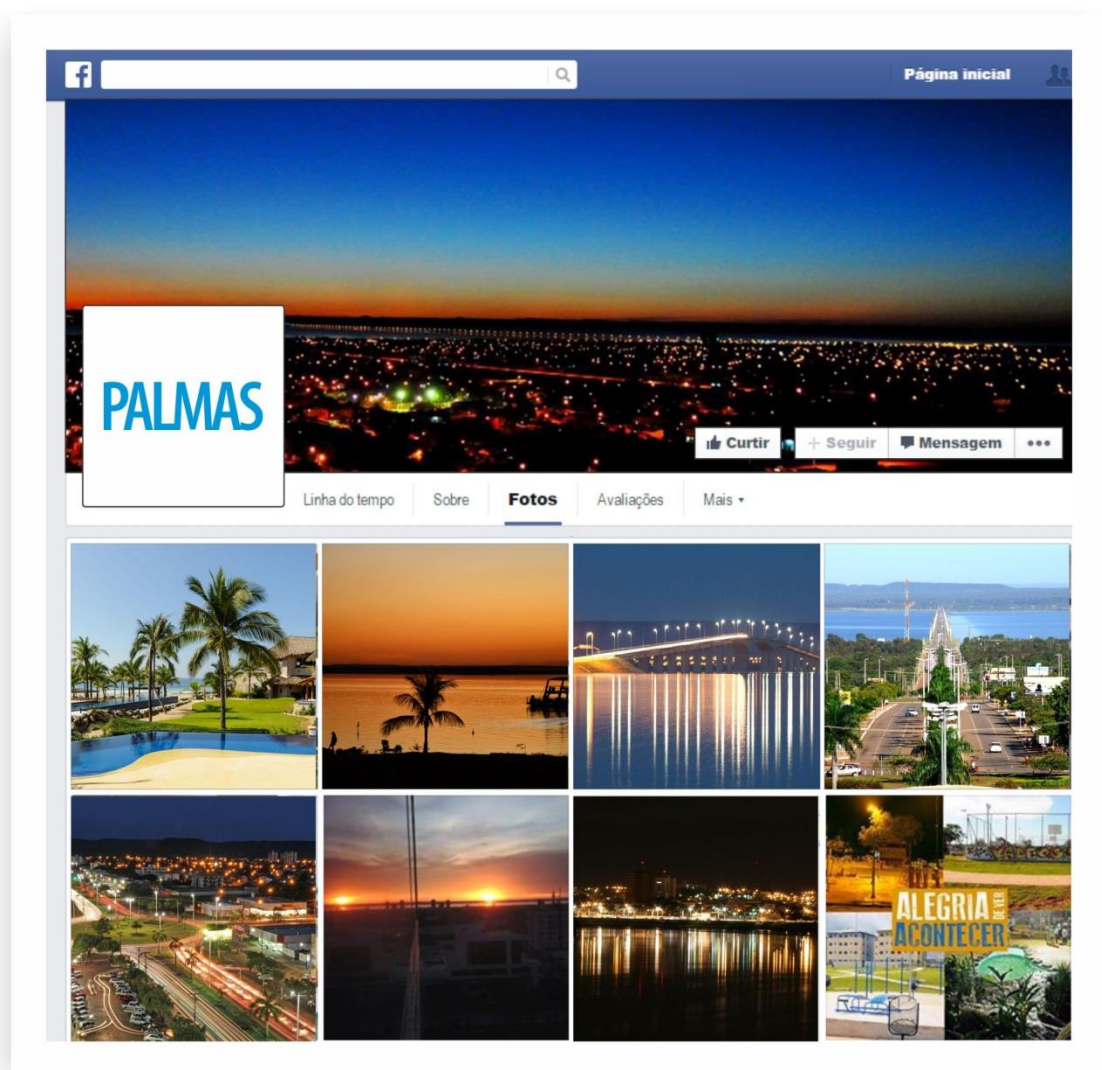
Nesses espaços de sociabilidade, os sujeitos juvenis e seus grupos, favorecidos pelas tecnologias digitais, readquirem o hábito de se deslocar constantemente, sem prejuízo dos espaços de lazer e fruição.

Diante dessas considerações iniciais e do aparato teórico discutido nos capítulos anteriores, a partir de agora buscaremos compreender como as neotribos de Hip Hop existentes na cidade de Palmas interagem na rede social digital Facebook, e como esse ambiente virtual interfere nas construções das comunidades de sentidos desses sujeitos. Nosso primeiro passo será a apresentação do cenário da pesquisa - Palmas e as tribos urbanas de hip hop encontradas no espaço virtual Facebook; posteriormente, descreveremos dados relativos aos sujeitos e as suas interações na rede social Facebook. Num último momento, faremos a análise das entrevistas realizadas com os membros das neotribos de Hip Hop.

## **5.1 O cenário da Pesquisa**

No campo do pensamento urbanístico contemporâneo, o século XX apresenta o advento da cidade moderna, materializado na formação de novas cidades planejadas pelo mundo afora. Palmas, localizada no coração do Brasil, é a “última capital planejada do século XX”, na denominação de Silva (2010): “Palmas, cujo assentamento da pedra fundamental foi realizado no dia 20 de maio de 1989, caracteriza-se como uma cidade planejada que vertiginosamente “apareceu” no meio do cerrado”. (p.17)

Figura 1: Cidade de Palmas - Tocantins



Fonte: Organização e Ilustração da autora

Aconchegante e cheia de luz, refletida pelos raios do sol, Palmas encanta seus habitantes com o conforto da serra que abraça e o encanto das águas do rio Tocantins que reflete; detalhes de uma cidade jovem e moderna, na qual

[...] o urbanismo, os artefatos e a arte criam e trabalham o tempo. O moderno funde-se ao pós, e a batalha pelos símbolos na elaboração de uma imagem da capital é uma luta constante do poder que a engendra. O girassol, eleito como símbolo da cidade, se petrifica; nos portões do Palácio, estatuetas fazem ciranda contando história. A praça gigantesca e algumas semelhanças com a capital federal são pistas que ajudam a traçar um esboço dessa cidade. (Silva, 2010, p. 17)

No leste, a serra do Lajeado embeleza, no oeste, o rio Tocantins seduz; dois paralelos no plano destinado à cidade, que apresenta quadras organizadas, ruas e avenidas

largas, vasta área ambiental, sendo cuidada e preservada, não se opondo a orientações do planejamento da futura ocupação do espaço urbano, no controle da expansão e desenvolvimento da infraestrutura. “Tecida de significados fragmentados, Palmas constitui-se num território da utopia e abriga, no seu tecido, projeções de uma visão de mundo refratária, possível de ser compreendida nos limiares, ao longo de suas quadras, no contorno de suas construções” (Silva, 2010, p.18).

Com uma hibridação cultural singular, Palmas acolhe indivíduos oriundos de todas as regiões do país, em uma enorme heterogeneidade, crescendo aceleradamente. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - IBGE (2014)<sup>18</sup>, sobre as estimativas das populações residentes nos 5.570 municípios brasileiros, entre 2013 e 2014, Palmas foi apontada como a capital brasileira que mais cresceu (2,91%). Esse crescimento acelerado demonstra que milhares de pessoas, a cada ano, passam a habitar a cidade.

Dentro desse contexto, a cultura hip hop na cidade de Palmas teve início em 1996, oriunda da influência do movimento de Araguaína, cidade situada no norte do estado do Tocantins, conforme afirmam Caracristi e Souza (2007):

Segundo um dos rappers mais antigos de Palmas, MC Rock Jr, o movimento hip hop começou em 1996, na região norte (Arnos<sup>19</sup>) da Capital. Mano Júnior, mais conhecido como “Branco”, influenciado pelo movimento de Araguaína - cidade que fica na região norte do Tocantins-, começou com o break. (p.8)

Ainda que o “núcleo” da cultura hip hop no Brasil esteja fortemente enraizado nas grandes metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo, é evidente sua influência de Norte a Sul do País. Há uma imersão de jovens admiradores e seguidores da cultura que buscam de forma incansável, na raiz do movimento hip hop, a resposta para as mazelas e angústias sociais que eles vivem em suas cidades. Palmas não é diferente; uma cidade jovem, com apenas 25 anos, já dispõe de sua história com a cultura hip hop e já sofre com os problemas sociais que marcam as periferias. “O movimento *hip hop* conta histórias fictícias ou reais de pessoas que vivem na periferia, baseadas na vivência na periferia. Para elas, o *hip hop* é uma forma de resistência e mudança da realidade” (Caracristi & Souza, 2007, p.11).

Foi precisamente em relação à cidade de Palmas que buscamos identificar as neotribos de hip hop que existem dentro do território virtual - o Facebook -, nosso *locus* de pesquisa.

---

<sup>18</sup> Disponível em:

<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2704>

<sup>19</sup> De acordo com dados da Seduh - Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Habitação, o município de Palmas tem um plano diretor que é dividido em quadras, subdivididas em áreas residenciais (Arnos, Arses, Arsos, Arnes) e comerciais (ACCS, ACVS, AA, etc), semelhante a Brasília. No entanto, paralelo ao povoamento dessas quadras, novas áreas fora do plano diretor foram ocupadas, formando bairros. Hoje, Palmas possui 20 bairros periféricos, sendo 18 na região Sul (Aureny I, Aureny II, Aureny III, Aureny IV, Taquari, Taquaralto, Santa Fé, Santa Fé II, Morada do Sol I, Morada do Sol II, Morada do Sol III, Sol Nascente, Santa Bárbara, Santa Helena, Maria Rosa, Taquaruçu 2ª etapa, Irmã Dulce e União Sul) e dois na região Norte (Santo Amaro e Água Fria). (Caracristi & Souza, 2007, p.9)

Por isso mesmo, o Facebook foi o espaço de interação com as neotribos estudadas, nos permitindo observar os perfis/páginas dos grupos, e dialogar - num processo de cooperação, partilha de conhecimento, comunicação e interação - com os sujeitos que fazem parte de cada tribo. Os jovens pesquisados, em sua maioria, possuem contas no Facebook desde 2011, as quais se configuram como a rede social preferida desses sujeitos, retrato também da preferência brasileira, conforme nos mostra o gráfico a seguir

Gráfico 2. Redes sociais mais utilizadas



Fonte: Pesquisa brasileira de mídia 2015<sup>20</sup>: Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República

Organização e Ilustração da autora

<sup>20</sup> Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>

As neotribos de hip hop da cidade de Palmas se encontram presentes na rede, no ciberespaço, legitimando seus movimentos através da cultura hip hop.

## **5.2 As tribos e seus atores**

Trafegar no ciberespaço com essas neotribos foi uma experiência desafiante. Perpassando pelos contornos da rede por meio de posts, fotos e vídeos, despertava-nos a vontade de traduzir as diversas mensagens que estavam ali, ora por linguagem corporal nas imagens, ora por textos postados e disponibilizados para quem quisesse ver. Atravessando de uma tribo a outra, encontramos expressões que ilustravam o que aqueles sujeitos juvenis encontravam na rede para se legitimarem como tribos urbanas. É nesta perspectiva que apresentamos, a partir de agora, as expressões que encontramos no momento de observação e identificação das neotribos no espaço facebookiano.

Como já dissemos anteriormente, encontramos no Facebook três neotribos constituídas por residentes da cidade de Palmas. São elas:



Figura 2: As três neotribos de Palmas no Facebook



Fonte: Organização e Ilustração da autora

Apresentamos, em seguida, a caracterização de cada uma dessas tribos, feita pelos seus próprios membros.

### 5.2.1 RDV Crew

Figura 3. Página de RDV Crew no Facebook



Fonte: <https://www.Facebook.com/pages/RDV-Crew/343975822327888?sk=timeline>

Organização e Ilustração da autora

#### **RDV Crew por eles mesmos**

*“O Ramos da Videira Crew, desde 2005 tem percorrido o Brasil, em eventos que atingem uma grande diversidade de pessoas, encontradas em diversos segmentos da sociedade tais como: presídios, escolas, CASE (Centro de Apoio Socioeducativo), locais públicos e grandes eventos esportivos, contando ainda com participações em festivais. Em 2012, um novo desafio foi posto a frente dessa turma corajosa. Um trabalho totalmente singular foram dias de muito trabalho, em locais públicos, escolas, festivais e eventos culturais. As mais recentes empreitadas de 2013 foi o evento de breaking que acontece desde junho de 2007 na cidade de Anápolis-Goiás com o intuito de incentivar a cultura na cidade. Em suas edições anteriores contou com a presença de Djs, bboys e bgirls consagrados na cena do Hip Hop nacional e internacional. Dentre as demais empreitadas executadas através de nossos projetos socioculturais e apresentações tem o objetivo de atingir crianças e através delas seus pais, abrangendo todas as camadas sociais. Consciente do alcance e da eficácia da cultura e da arte na sociedade, o RDV Crew tem feito das artes, uma arma poderosa*

*na transformação da realidade em que atuam*” (Biografia destacada na página do Facebook)

A neotribo *RDV Crew* se apresenta no espaço virtual através de página<sup>21</sup> no Facebook e tem 192 curtidas. Com publicações quase mensais, a tribo tem, em média, uma a três publicações entre fotos e post-mensagens por mês.

Por meio de suas manifestações artísticas, voltadas para o elemento do hip hop “*break*”, a neotribo *RDV Crew* tem sua base discursiva nos fundamentos religiosos. Jovens que fazem parte de uma igreja na cidade de Palmas criaram o nome *RDV Crew* - “grupo Ramos da Videira” - inspirados na passagem de João, capítulo 15<sup>22</sup>, do livro *Bíblia Sagrada*. A tribo já tem dez anos e é formada por sete *Bboys*.

Na página do grupo observamos que são compartilhados fotos e vídeos tanto da tribo, em seus encontros fora do ambiente virtual, quanto de suas memórias, através dos quais cada sujeito (re)afirma sua lealdade ao grupo; postagens que referem a palavra “sempre<sup>23</sup>” em fotos antigas, por exemplo, legitimam a união dos sujeitos com sua tribo.

A página também é o canal de divulgação do “*break*” da tribo, através de fotos e vídeos, matérias em jornais impressos e na televisão referentes a eventos em que o grupo participou; intercalados com toda essa divulgação, aparecem posts com mensagens da *Bíblia* e de Deus, lembrando sempre o cunho religioso do agrupamento, reiterando que o grupo é uma família; fotos de cultos que são realizados na igreja também recebem nome e forma da celebração da cultura hip hop do *RDV Crew*.

No ciberespaço, os laços sociais da tribo *RDV Crew* são construídos através da religião, sendo estruturados pelas relações cotidianas anteriores ao contexto virtual. Fotos e textos compartilhados pela tribo demonstram que a dança que move esses sujeitos é a maneira que eles têm de estar perto de Deus que, na verdade, Deus é a razão de tudo, principalmente do *break dance*, que movimentava a vida desses sujeitos.

Nesses movimentos cotidianos do grupo percebemos que o hip hop praticado se exprime além de uma cultura urbana, constituindo-se como um constructo evangelizador, ou

---

<sup>21</sup> Páginas servem para empresas, marcas e organizações compartilharem suas histórias e se conectarem com as pessoas. Assim como os perfis, cada pessoa pode personalizar as páginas publicando histórias, promovendo eventos, adicionando aplicativos e muito mais. As pessoas que curtirem sua página e os amigos delas poderão receber atualizações em seus Feeds de Notícias. (Facebook, disponível em: <https://www.Facebook.com/help/174987089221178>).

<sup>22</sup> Na Bíblia, no livro de João, capítulo 15, evidencia-se a mensagem “Eu Sou a Videira verdadeira. Permaneci em mim, e eu permanecerei em vós”. Isto é, Jesus é a videira e cada discípulo, cada seguidor e cada cristão é um ramo.

<sup>23</sup> Segundo dicionário Aurélio, a palavra “sempre” significa: “Todo o tempo passado ou futuro; em todo o tempo; a todos os momentos”. Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com/sempre>

seja, um campo de possibilidades de demonstrar Deus na pluralidade da própria condição juvenil, inclusive em suas mazelas, numa tentativa de romper com os entraves que impedem outros jovens a crer. São sujeitos “lavradores da fé”, que vêm redesenhando a celebração da crença, sem abrir mão de suas identidades musicais.

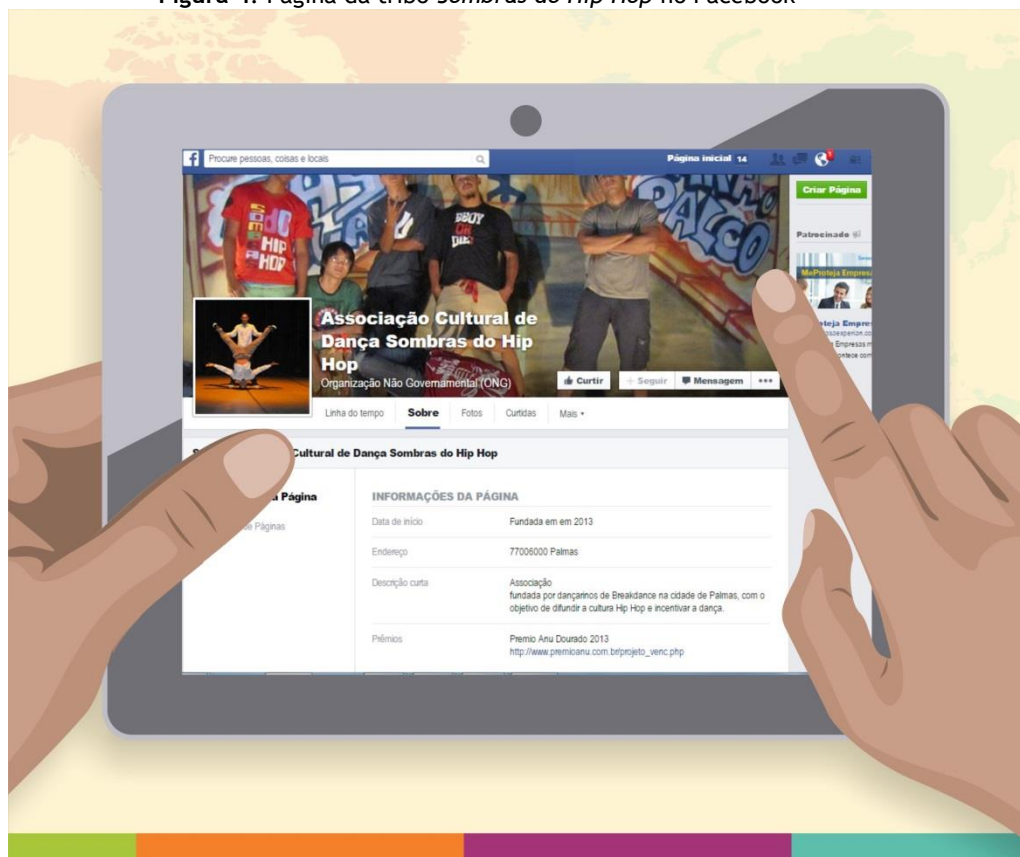
Assim, percebemos uma interação entre os sujeitos da religião e os artistas do gênero hip hop, que culmina num novo processo de socialização. Enquanto a religião se apropria e modifica os conteúdos do hip hop, valendo-se de uma linguagem e de uma postura menos agressivas, o hip hop altera o fazer religioso, buscando além das “palavras de salvação”, mas agregando discursos e posturas mais inteirados com as causas sociais, culturais e políticas. “[...] nessa relação - religião e hip-hop - há um peso que pende hora na figura do indivíduo, hora no conjunto comunidade. Nessa relação se percebe que indivíduo e comunidade são indivisíveis e que um interfere no outro constantemente” (Fernandes, 2013, p. 2).

As marcas corporais são outros elementos de identificação que permitem a socialização entre pares. Essas são expressas em seus movimentos, na simbologia de *tatoos*, e também nas poses para fotos e indumentárias que formam o look cotidiano: braços cruzados, bonés com aba quadrada, roupas largas, tênis apropriado para o *break dance* marcam o estilo desses sujeitos, e os representam na cultura. De acordo com Diógenes (1998, p.17), são gritos mudos dos sujeitos para se fazerem vistos e “ouvidos”. Essas práticas são desenvolvidas por esses sujeitos como forma de fazerem parte do agrupamento em questão. Na convivência entre eles ocorrem trocas de experiências que irão forjar a construção de comunidades de sentidos, sem com isso romper com a autonomia do sujeito singular que compõe o agrupamento. “O estilo constitui [...], uma combinação hierarquizada de elementos culturais, na forma de textos, artefatos e rituais, que no nosso caso, tem na música o elemento central” (Dayrell, 2005. p. 41).

Outra questão percebida, já referida anteriormente, é a necessidade dos sujeitos do agrupamento estudado postarem fotos com personalidades do *break* nacional, demonstrando a satisfação de ter ilustres presenças da cultura hip hop na cidade em que vivem. Essa prática se fundamenta na necessidade do grupo de legitimar sua cultura por meio de ícones do gênero, num processo de comunicação que permite a visibilidade de suas causas, resistências e lutas. De acordo com Oliveira e Sgarbi (2002, p. 17), são sujeitos que “estão aqui para serem lidos e vistos como produtores de saberes, de fazeres e de práticas culturais significativas e relevantes, tanto para a sociedade brasileira quanto para o entendimento dela”.

## 5.2.2 Sombras do Hip Hop

Figura 4. Página da tribo *Sombras do Hip Hop* no Facebook



Fonte: <https://www.Facebook.com/sombrasdohiphop/timeline>

Organização e Ilustração da autora

### *Sombras do Hip Hop* por eles mesmos

*“Associação fundada por dançarinos de Breakdance na cidade de Palmas, com o objetivo de difundir a cultura Hip Hop e incentivar a dança”. (Biografia destacada na página do Facebook)*

A tribo *Sombras do Hip Hop* também perpassa pelo elemento *break dance* e se manifesta na rede por meio de página própria. Com 422 curtidas, *Sombras do Hip Hop* se apresenta como associação no ciberespaço com o intuito de difundir a cultura hip hop em Palmas. Com publicações quase mensais, a tribo tem, em média, quatro a dez publicações entre fotos e post-mensagens por mês. O último post da tribo foi no mês de janeiro. Ela é composta por dez jovens que, na vivência da cultura hip hop, se percebem como atores e sujeitos sociais de uma realidade passível de transformações.

Com fotos de movimentos do *break dance*, a tribo busca mostrar o trabalho social que desenvolve na capital, divulgando batalhas, ensaios, treinos, expressando sua participação

ativa na cultura hip hop. Percebemos que as fotos marcadas pelos movimentos do *break dance* transmitem os desejos, anseios e angústias desses sujeitos, enquanto jovens que buscam, nessa cultura uma maneira de se posicionar no mundo, e perante a eles mesmos. A liberdade é palavra de ordem desses sujeitos: movimentos expostos na rede, fotos que divulgam o prazer em ser livres, de ser quem são. Na batida do hip hop, praticam novas possibilidades de fruição musical, que emergem em movimentos mais acelerados das redes sociais. Constroem seus próprios espaços e com eles seus próprios consentimentos para praticar sua ideologia. Na fronteira esfumada do Facebook assumem sua liberdade e autonomia de compartilhar suas percepções e seus movimentos, numa pluralidade de conexões - processos que fazem do hip hop um importante espaço de comunicação e socialização.

Mensagens positivas, relacionadas à paz e à harmonia, marcam a tribo no ciberespaço. Os posts reforçam o sentimento de pertença da tribo quando se referem a si próprios como uma família, num constante agradecer por fazerem parte da vida uns dos outros. Sentimento esse que carrega em si proteção, tolerância e partilha entre os sujeitos da tribo. Alguns posts mostram evidências de participações em workshops, batalhas, e, além disso, utilizam o canal para divulgar eventos relacionados com o hip hop.

Percebemos nas fotos e vídeos postados, e até nos textos, que esses sujeitos se identificam, se escolhem, se assemelham, e trazem em si a vontade da luta diária, seja nas batalhas de *break dance* no qual cada *b-boying*, com seu estilo e habilidade, monta seus movimentos, seja na batalha enfrentada pela desigualdade, preconceito e falta de reconhecimento. Pela presença dos acordes locais, o *break dance* desses sujeitos é revestido por um mosaico móvel, ilustrando a afirmação de Mauss (1974, p. 213) de que “Cada corpo tem hábitos que lhe são próprios”.

E é através destes movimentos da dança e da música que esses sujeitos se reconhecem como “guerreiros”; guerreiros que enfrentam uma luta diária pela qual se auto reafirmam, como seres humanos, perante a sociedade.

Neste contexto, não são mais músicos no sentido clássico - virtuose - mas se apresentam agora como editores/produtores musicais, metamorfose que afeta o circuito de produção-circulação-consumo desse artefato, em decorrência de um constante estado de inquietude, excitação e efervescência dos sujeitos e-juvenis. (Silva, 2013, p. 20).

Com base em nossa observação, percebemos que essa liberdade vivenciada a partir da cultura da música hip hop na rede é uma experiência de resignificação de seus próprios saberes, nunca definitivos e sempre sujeitos a revezes.

### 5.2.3 Vida Nova

Figura 5. Página da tribo *Vida Nova* no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/ckt.vidanova?fref=ts>  
Organização e Ilustração da autora

A tribo *Vida Nova* se move pelo elemento *rap* que, através das letras e rimas, canta o cotidiano conturbado vivido nos centros urbanos de Palmas. A tribo é formada por quatro jovens que são ex-dependentes químicos, e atuam no resgate de sujeitos que buscam uma vida nova a partir do *rap*.

O grupo se manifesta através de perfil<sup>24</sup> na rede Facebook. Só tivemos acesso a dois perfis, que correspondem a dois integrantes do grupo, já que os outros dois não participam dessa rede social. A tribo publica diariamente, em média três publicações, entre compartilhamentos, fotos, vídeos e post-mensagens.

No perfil do integrante *Ckt Vida Nova*, textos de revolta e rebeldia contra o sistema são postados rotineiramente. Insatisfeito com o governo, o jovem expressa sua indignação com a criminalidade, a corrupção, a desigualdade social. Divulga fotos da “Família vida

<sup>24</sup> O perfil é um conjunto de fotos, histórias e experiências que contam a sua história. O perfil também abrange uma Linha do Tempo. (Facebook, disponível em: <https://www.Facebook.com/help/131685390278177>).

nova”, já que é assim que os membros da tribo se referem a si próprios. Percebemos aqui, novamente, o sentimento de pertencimento.

Esses sujeitos constroem sentidos por meio de compartilhamento de valorações presentes nos objetos simbólicos, entre eles a música, em suas diferentes expressões, o que possibilita que eles tenham um sentimento, embora efêmero, de pertença a um território, formando comunidades de sentidos. (Silva, 2013, p. 66)

Através da música, esses sujeitos se manifestam na rede divulgando seu trabalho nos diversos espaços físicos da cidade de Palmas, desde universidades a presídios, carregando consigo o rap da *Família Vida Nova*. Percebemos que há uma busca incessante pelo resgate de quem está no mundo das drogas. Atendendo ao exposto na rede, eles não são necessariamente de cunho religioso, isto é, não fazem parte de uma igreja, mas demonstram a fidelidade a Deus no que tange ao resgate de ex-usuários químicos.

Divulgação de eventos, convites para shows de raps em que a tribo irá participar ou realizar, agradecimentos pela participação em eventos, que, na maioria das vezes são apresentados por meio de fotos e vídeos, e que acontecem em bairros periféricos da cidade de Palmas. Após as postagens, eles assinam com o nome “Família vida nova”, ou seja, reafirmam-se enquanto tribo.

Neste grupo percebemos uma aproximação maior com a ideologia do hip hop. No contexto do grupo, percebemos o grito por efetivas políticas de combate às drogas e mensagens de apoio às lutas de ex-usuários. Os seus posts revelam uma tentativa de discurso de caráter educativo, de participação sociopolítica, com vistas a potencializar as resistências e reflexões em torno das questões que envolvem a dependência física - não necessariamente com o discurso posto no contexto político governamental, mas numa manifestação político-cultural, numa reação a uma situação imposta.

No período de observação, percebemos que os sujeitos das três tribos pesquisadas têm em comum um pertencimento próprio das neotribos: “[...] grupos que se caracterizam pela pulsão de estar junto, que se reúnem de acordo com suas afinidades e seus interesses no momento e que não tem outra finalidade a não ser reunir-se”. (Quaresma, 2005 p.83)

Essas afinidades e interesses são elementos que os fazem identificar-se uns com os outros, tornando-os um coletivo. A espetacularização é a sua estratégia de luta contra a invisibilidade do meio social em que eles vivem, expondo suas identidades no ciberespaço através do hip hop, do rap em especial. Contudo, evidencia-se que as três tribos que trafegam no ciberespaço possuem corpos que arquitetam novas ligações, criam novas danças a partir de corpos múltiplos, resultantes da história de construção da sociedade brasileira em seus diversos momentos sócio-histórico-culturais. É nesse contexto que se inserem as tribos urbanas hip hop existentes na cidade de Palmas, que partilham de um sentimento em comum,



e cujas composições (rap) e dança (break) apontam os problemas locais que vivem os sujeitos, energizados por um motivo que os move: o pertencimento. Isso tudo é nítido no ciberespaço em que esses sujeitos trafegam.

Características como a conformidade de pensamentos, hábitos, formas de agir e até de se vestir expressam a essência da formação da tribo urbana hip hop, em cujo seio os sujeitos compartilham emoções, anseios, desejos e valores no espaço virtual. De forma que não há que se considerar apenas o contexto cultural, mas também o social e econômico, já que também nesses contextos se observam as variáveis que identificam a partilha de códigos, estéticas e práticas sociais, que definem a imagem do agrupamento do Hip Hop.

## 5.3 Análise das entrevistas realizadas com as neotribos

### 5.3.1 Identificação das Neotribos

Os perfis dos sujeitos juvenis que fazem parte das neotribos pesquisadas incluem apenas o gênero masculino, não havendo, entre essas três, nenhuma mulher. Isso implica dizer que as mulheres não são atuantes na cultura hip hop na cidade de Palmas, claro, no cenário da pesquisa: o Facebook. Segundo Lima, a presença feminina na cultura hip hop é quase legitimada como invisível, já que

[...] a mulher é em muitos casos tida como coadjuvante, não tendo um espaço totalmente aberto dentro do movimento. [...] Wivian Weller (2006) aponta que um dos principais motivos para a invisibilidade feminina em culturas juvenis esteja ligada às obrigações impostas pela sociedade para a mulher, a inserção no mercado de trabalho, as obrigações da maternidade. (Lima, 2014, p. 1377-1378).

Obrigações essas a que não foge a população feminina da capital mais nova do Brasil. Em Palmas, por ser uma cidade jovem, as identidades culturais “[...] estão em constante construção, desconstrução e reconstrução” (Couto e Rocha, 2010, p. 29). Fator esse que tem impacto no papel da mulher nos movimentos culturais, como o hip hop, já que a cidade foi construída e planejada como um novo lugar de oportunidades econômicas, sociais, culturais e políticas. Porém, talvez as mulheres de Palmas considerem ser cedo demais para as suas intervenções na cultura hip hop. Segundo Lima, a invisibilidade feminina nas culturas juvenis pode estar interligada, também, com

[...] a divisão social do trabalho. De acordo com Bourdier (1990), em *A Dominação Masculina*, a ordem social faz uma divisão do que é masculino e do que é feminino. Dentro desse argumento, estariam os lugares públicos reservados aos homens e os lugares privados reservados às mulheres. Levando esse argumento para a discussão sobre gênero no hip hop, estaria a mulher limitada a esse movimento por ele ser uma cultura de rua, logo a rua seria um espaço público. (Lima, 2014, p. 1377-1378)

Neste aspecto, percebemos que na cultura hip hop, em Palmas, ainda não há indícios da presença feminina, pelo menos no espaço pesquisado.

Quanto à faixa etária dos integrantes das neotribos estudadas, esta varia entre 19 e 40 anos, visto que o que pertence à faixa etária dos 40 é líder de uma neotribo, com o papel de conduzir os sujeitos tribais. Nesse contexto, podemos afirmar que os grupos juvenis se constituem como um conjunto heterogêneo.

Nenhum limite fisiológico é bastante para identificar analiticamente esse agrupamento que é a neotribo. A melhor explicação é a que se coloca numa perspectiva histórico-cultural das sociedades humanas: essas sociedades identificam e atribuem ordem e sentido àquilo que parece tipicamente transitório, caótico e desordenado, e que é característico dessas neotribos. Ser jovem não se limita a uma condição etária, implica antes raízes que mergulham nas diferentes expressões da vida social, reflexos de universos mais amplos e diversificados, cujos fundamentos são as diferentes situações de classe, produto das desigualdades sociais (Pais, 2003).

Verificamos, também, que duas das tribos encontradas fazem parte do elemento *break*, e uma integra o elemento *rap*, da cultura do Hip Hop. Todos os seus membros moram em Palmas, Tocantins, e são jovens que encontraram, no hip hop, uma forma de se legitimarem perante o mundo e eles mesmos.

### 5.3.2 Relações com a rede social digital Facebook

Nesta categoria da pesquisa, buscamos compreender as relações dos sujeitos tribais na rede Facebook. Nas falas dos jovens, percebemos o quão importante é publicar, na página/perfil Facebook, fotos, vídeos, anúncios, etc., que envolvam o elemento do hip hop do qual eles fazem parte. A vontade de divulgar o trabalho deles é nítida quando assumem que utilizam a rede para a disseminação de informações sobre os trabalhos desenvolvidos.

*Tudo que postamos ou curtimos é uma forma de divulgar nosso trabalho, portanto quando alguém curte ou compartilha, faz toda diferença.* (B-boy Helio)

*Nossa interação é feita 90% pessoalmente, pouco usamos as redes sociais, como pode vê, é mais um canal de divulgação.* (MC CKT)

*Usamos o Facebook mesmo só pra postagens de informativos sobre os Raps que fazemos.* (MC CKT)

Aqui, percebe-se que a rede é para eles essencialmente um local para mostrar quem é a tribo e o que ela faz, quando estão, através da dança ou música, se legitimando como agrupamento. Expressões como “*nossa interação é feita 90% pessoalmente*”, “*usamos o Facebook mesmo só para postagens de informativos*” demonstram que as tribos utilizam a rede com forte pendor de divulgação. Percebemos, então, que o Facebook é um outdoor social desses sujeitos. Eles utilizam a rede digital como se fosse um conjunto de grandes cartazes de divulgação e disseminação de suas práticas culturais. Nesse contexto, o Facebook é para esse agrupamento uma peça de visibilidade do grupo - uma gigantografia que permite

aos jovens pesquisados se apresentarem enquanto posições, crenças e valores, valendo-se não só de imagens mas também de uma estrutura linguística, responsáveis pela produção do mundo humano. As fotos e os textos ali “impressos” denotam os estados de ânimo dos sujeitos, ao mesmo tempo que são mecanismos de interação social.

Eles gostam de publicar vídeos e fotos que eles acham interessantes sobre o *break* ou o *rap*, e claro, de eventos em que a tribo participou, seja somente um sujeito, ou todos. “*Eu olho e compartilho algo interessante sobre o break, tipo vídeos, fotos*” (B-boy Franciedson). “*Esperamos que as pessoas vejam o nosso trabalho e com isso possa levar para outras pessoas por meio dos compartilhamentos*” (B-boy Edfran).

Quando esses jovens expressam que desejam que outras pessoas vejam e compartilhem o trabalho da tribo, demonstram o desejo comunitário de se posicionar perante o mundo, por meio do *break* e *rap* feito por eles, e utilizar o ciberespaço como um local de interação com seus pares e outras tribos. Tal como refere Teixeira (2014, p. 30), esses sujeitos “[...] transmitem sentidos dos seus movimentos corpóreos, do seu repertório cultural e sinalizam por meio das marcas técnicas, estéticas e ideológicas suas subjetividades [...]”.

Na tribo que possui cunho religioso, os jovens assumem a finalidade de, através do hip hop, buscar o caminho de Deus, o que é assim descrito por eles: “*Nós usamos o break para o evangelismo, para tirar as pessoas das drogas, e levar para o caminho de Deus*” (B-boy Edfran). Isso ilustra o fato de que na tribo predomina a essência do comunitário, não apenas nas semelhanças da cultura a que eles pertencem, mas acima de tudo numa força maior, que eles consideram como o motivo principal da sua vida: Deus. Demonstra também que, para eles, a ideia principal do *break*, e da cultura hip hop, é o evangelismo, isto é, resgatar pessoas que estão no caminho das drogas, por exemplo, e trazer para o mundo do Hip Hop, isto é: eles enxergam na cultura hip hop o ponto de apoio dos grandes males das periferias, o que reforça a essência da cultura hip hop, que alastra pelos grandes aglomerados periféricos das capitais.

*A ideia é o resgate das pessoas que estão em dependência química mano, tirar elas das drogas, e buscar um novo caminho, por isso chamamos Vida Nova. Ai a gente vai levando o Rap para a periferia, onde tiver gente precisando sair do buraco, e se apoiar no rap, para ser alguém na vida. É isso que a gente faz. O rap é nossa vida, nosso alicerce. Nós somos quem somos hoje por causa do Rap. (MC CKT)*

A tribo evidencia ainda a posição de que a cultura hip hop pretende, através da arte, gritar a respeito das mazelas da vida dos jovens que vivem nas periferias. A cultura hip hop é vista como fator de resgate do caminho de droga que hoje percorre o jovem no Brasil, no sentido de que o *break* e o *rap* são vistos como elementos que retiram os sujeitos deste caminho e os colocam no caminho da cultura, de uma vida nova, alguns através da palavra de Deus e da religião.

*O Sombras do Hip Hop é um grupo que cria projetos, e acima de tudo, somos um projeto que atende várias pessoas em situação de vulnerabilidade ou não; como projeto voluntário atendemos diariamente 22 pessoas, sendo que o projeto já atendeu aproximadamente 5200 pessoas entre crianças, jovens e adultos desde que existe. Queremos levar a dança, o break para essas crianças que vivem nas comunidade e estão expostas a criminalidade, preconceito, drogas, e o break salva as pessoas. E nós somos o pivô disso. Aqui no Facebook a gente coloca fotos dos treinos, estimula a equipe a treinar e ir aos ensaios, de forma que eles se sintam unidos, e com vontade de enfrentar seus problemas, e a gente quer divulgar isso para todo mundo. (B-boy Robson)*

Esses sujeitos se posicionam no ciberespaço e apresentam a cultura hip hop como instrumento de transformação na vida de jovens, materializado em vários projetos socioculturais, e interligado aos movimentos que esses sujeitos fazem nas periferias e na comunidade. E utilizam o espaço virtual para divulgar e mostrar quem são e o que são. Essa ação é exposta como forma de conectar os sujeitos e suas neotribos, revelando a relação que eles estabelecem uns com os outros, e os laços que são construídos entre si, que os vinculam como agrupamento. Isto mesmo salienta Recuero, quando diz que

O laço é a efetiva conexão entre os atores que estão envolvidos nas interações. Ele é o resultado, [...], da sedimentação das relações estabelecidas entre agentes. Laços são formas mais institucionalizadas de conexão entre atores, constituídos nos tempos e através das interações sociais. [...]. O conceito de laço social [...] passa pela ideia de interação social. É um laço social constituído a partir dessas interações e das relações, sendo denominado laço relacional (Recuero, 2009, p.38).

Os laços criados entre os sujeitos, no ciberespaço, são definidos e redefinidos de acordo com o posicionamento do grupo enquanto conjunto de jovens que, através da dança, se legitimam como sujeitos no mundo contemporâneo; e que, apesar das dificuldades vivenciadas em seu cotidiano, produzem um discurso que mostra que o agrupamento mantém acesos seus ideais de participantes na cultura hip hop. Na fala desses sujeitos, percebemos a luta para se legitimar no espaço virtual e a relevância do hip hop em mobilizar e desenvolver a as pessoas que estão vulneráveis nos contornos das periferias.

*No Rap, somos livres para criar e falar o que queremos, inventamos letras que retrata a realidade da nossa vida, a realidade da favela, tá ligado, as letras do jeito que a gente quer. E a gente põe tudo no face, os rap que nós fazemos nos presídios, nas ruas, nas festas, a gente divulga aqui, mostra o que fazemos, a hora que a gente quer, pro povo da favela ver, e curtir e compartilhar, porque eles fazem parte disso. (Mc CKT)*

O Mc CKT expressa nada mais nada menos que o sentimento de liberdade; liberdade em criar e cantar performances musicais de acordo com seus gostos e desejos, e colocar na rede na hora, do jeito que querem, na velocidade que querem, efetuando a “tradução do mundo em bits, manipuláveis e postos em circulação na velocidade da luz” (Lemos, 2010, p.182-183).

Observamos, por fim, que a plataforma Facebook funciona, a princípio, para essas neotribos como um canal de comunicação e divulgação dos trabalhos realizados pela tribo. No entanto, ela não deixa de ser, também, uma maneira dessas neotribos se legitimarem no

mundo digital como agrupamentos que se identificam a partir de um desejo em comum: o hip hop.

### 5.3.3 Comunidades de sentidos

As construções de sentidos dos sujeitos das neotribos, que trafegam pelo ciberespaço, são efetuadas por meio do elemento que os move: o hip hop. Interesses comuns no convívio significam trocas de valores, ideias e crenças, num constante estar junto, quando expõem fotos ou textos que são apresentados e reconhecidos pelos sujeitos tribais. Isso envolve a produção de um sentimento de comunidade entre um e outro: *“Na verdade o rdv significa muitas coisas, não sou apenas um grupo que se reúne para dançar, e sim uma família que ajuda um ao outro”*. (B-boy Edfran)

A noção de comunidade é reconstruída simbolicamente, desejada, imaginada, o que estrategicamente se faz de forma discursiva, articulada às práticas de ser e estar jovem na contemporaneidade. Os jovens são sujeitos que, muitas vezes, perderam suas identidades familiares. No caso de nossos entrevistados, isso aconteceu em função de desvios de conduta, principalmente pelo uso de substâncias químicas proibidas. Na busca desse resgate da primeira comunidade - a família - eles projetam em seus pares sentimentos de pertença, marcados pela origem ou estado comum.

Quando o B-boy Edfran evidencia que são *“uma família que ajuda um ao outro”*, o que é confirmado pelas postagens na plataforma Facebook da neotribo RDV Crew, isso significa que esses sujeitos podem viver uma experiência coletiva, construindo conhecimento e sendo solidários uns com os outros. Na perspectiva de Maffesoli, esses sujeitos, em suas interações, constroem “comunidades emocionais”:

[...] uma relação social na medida em que a orientação da ação [...] baseia-se em um sentido de solidariedade, resultado de ligações emocionais. A comunidade é o resultado de um processo de integração cujo fundamento do grupo é um sentimento de pertencimento experimentado pelos participantes e cuja motivação baseia-se em qualquer espécie de ligação emocional ou afetiva [...] (Maffesoli, citado em Quaresma, 2005, p.86)

*“Vou resumir em uma palavra o sentimento que eu sinto por cada um do RDV e principalmente os caras que eu tenho como exemplo como o irmão Hélio e o Ridney, eu AMO essa família RDV Crew”* (B-boy Edfran). Há aqui, de forma clara, uma transferência do sentimento de família para com os sujeitos de sua neotribo. No âmbito filosófico, a família se apresenta para o sujeito como evidência espontânea, como a forma normal de levar uma vida propriamente humana (Menezes, 2013, p. 2). Esse sentimento é transferido, agora, para as neotribos e seus sujeitos, dentro de um mosaico de sentimentos de confiança, admiração, semelhança, afinidades, valores em comum, apresentando assim a tribo como uma família. Esses sujeitos pesquisados estão em processo comunicativo, na rede, construindo e representando seus laços sociais, suas interações, uns com os outros, e com o mundo digital,

dialogando sobre suas práticas culturais, seus sentimentos e sentidos, suas semelhanças, seus ideais, valores e crenças, por meio do ciberespaço.

## Conclusão

A questão inicial proposta nesta pesquisa não nos remete apenas a conceitos de juventudes, tribos urbanas, cultura Hip Hop e suas interações com as tecnologias digitais, por intermédio do território virtual Facebookiano, mas também admite pensar, de uma maneira geral, que a contemporaneidade produz modos de vida que desvencilham os jovens de todos os tipos tradicionais de ordem social, de forma surpreendente, alterando, inclusive suas representações. As transformações envolvidas na contemporaneidade, tanto em sua extensividade quanto em sua intencionalidade, são mais profundas do que as mudanças ocorridas nos períodos anteriores.

Nas últimas décadas, o Hip Hop vem sendo admitido e discutido por autores como um dos fenômenos socioculturais importantes na contemporaneidade. Em Palmas - TO, Brasil, cenário desta investigação, pode-se afirmar que existem fragmentos do movimento Hip Hop em alguns espaços urbanos. Entretanto, praticamente inexitem pesquisas sobre esse movimento cultural, redes sociais digitais, jovens e produção de sentidos desses sujeitos no cenário palmense. Por isso, norteamos esse estudo por meio do problema: Como as tribos de Hip Hop, existentes na cidade de Palmas, interagem na rede social digital Facebook, e como o ambiente virtual interfere nas construções das comunidades de sentidos desses sujeitos?

As discussões teóricas nos trouxeram determinados conceitos-chaves sobre cibercultura, tribos urbanas e cultura hip hop, para, a partir deles, verificarmos a fruição das possibilidades do universo cibercultural pela juventude. Discorreremos sobre tribos urbanas e o neotribalismo, um fenômeno que toma corpo na contemporaneidade, e que envolve sujeitos que se agrupam, se acolhem, se movimentam a partir das afinidades entre si: características como conformidade de pensamentos, hábitos, formas de agir e até de se vestir, expressam a essência da formação de uma tribo urbana, que compartilha emoções, anseios, desejos e valores.

Esse cenário se inclui na geração digital, no qual as neotribos - tribos que trafegam no ciberespaço - possuem uma afinidade natural com as tecnologias e, cada vez mais, as dominam; são sujeitos que se posicionam no ciberespaço e apresentam a cultura Hip Hop como instrumento de transformação, por meio de movimentos socioculturais que realizam nas periferias e comunidades que vivem.

Compreendemos as neotribos existentes no universo virtual, especificamente na cidade de Palmas - TO, e suas interações com as tecnologias da informação e comunicação. Percebemos que as neotribos de Hip Hop estão cada vez mais inseridas nos espaço virtual, e apropriam-se de elementos linguísticos, estéticos, de estilos de vida e ideais, e formas de se posicionar perante o mundo a partir da rede social digital. Verifica-se que nesse

posicionamento, os discursos dos sujeitos das neotribos estão inteirados com as causas sociais, culturais e políticas do seu cotidiano; através do ciberespaço, lutam contra as mazelas sociais com que deparam em seu dia a dia. Novas formas de socialização estão sendo negociadas no universo virtual por esses sujeitos, regidas por comunidades de sentidos; aí eles constroem e representam seus laços sociais, suas interações - uns com os outros, e com o mundo digital -, dialogando sobre suas práticas culturais, seus sentimentos e sentidos, suas semelhanças, valores e crenças.

A partir da pesquisa, podemos afirmar que a rede social digital Facebook é para esses agrupamentos juvenis uma espécie de vitrine, de outdoor: utilizam o espaço virtual para demonstrar quem são e o que são. Através das telas, pintam suas vidas e o que os move - o Hip Hop - em constante demonstração das mazelas sociais que tomam conta do seu cotidiano. As interações, pelo Facebook, são expostas como forma de conectar os sujeitos e suas neotribos, revelando a relação que eles estabelecem uns com os outros, e os laços que são construídos entre si, que os vinculam como agrupamentos. Não se reconhecem como sujeitos isolados. Por natureza, se constituem membros de uma comunidade de sentidos. Comunidade essa que surge dos espaços segregados de uma cidade que dessocializa - Palmas - por tempos e espaços rápidos, largos e que se coloca numa ilha central e em bairros periféricos, de culturas periféricas, de gente periférica.

Fazer parte da comunidade, para esses sujeitos, é um estado de pertença efetiva em um movimento menos repressivo que as instituições tradicionais, tornando-os importantes por constituir uma expressão de referência social, mediante a qual podem expressar e legitimar seus sentimentos e visões de mundo. Interesses comuns no convívio significam as trocas de valores, ideias e crenças, num constante estar juntos; isso envolve a produção de sentimento coletivo um do outro, por meio da expressão hip hop. Nossos sujeitos pesquisados fizeram do gênero musical uma escolha existencial, numa construção narrativa de suas orientações, ideologias, medos, superações e expectativas de futuro.

As razões da mobilidade e dinamismo das identidades contemporâneas vinculam-se às condições gerais de vida, marcadas por erupções, incoerências e surpresas das tribos urbanas do Hip Hop. Aquilo que dura não é mais tolerado. Esse princípio é utilizado pelos jovens em seu cotidiano, marcando-lhes os corpos e contribuindo na construção de suas identidades complexas, líquidas e flutuantes, no contexto das relações possíveis com o seu próprio “eu” e com o “outro”, vestindo-se e travestindo-se, de acordo com as circunstâncias.



## Referências

- Amaral, M. (1998). Mais de 50.000 manos. *Caros Amigos*, Edição Especial. São Paulo: Editora Casa Amarela.
- Andrade, E. N. (1999). *Rap e educação. Rap é educação*. São Paulo: Summus.
- André, M., & Lüdke, M. (2004). *Pesquisa em educação: abordagem qualitativa*. São Paulo: EPU.
- Attias-Donfut, C. (1996). Jeneusse et conjugaison des temps. *Sociologies et sociétés*, 28 (1), 13-22.
- Balbino, J. (2007). Hip Hop - a cultura marginal. *Ciranda Brasil*. Disponível em: <http://www.ciranda.net/spip/article1226.html>. Acesso em: 21/12/2014.
- Baumann, Z. (2001). *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Canedo, D. (2009). “Cultura é o quê?” - Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos. V *ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Bahia. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19353.pdf>>. Acesso em: 10/12/2014.
- Canevacci, M. (2005). *Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. São Paulo: DP&A.
- Cararist, M. F., & Souza, R. M. (2007). Cultura Hip Hop, identidade e sociabilidade: estudo de caso do movimento em Palmas. *Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r1851-1.pdf>. Acesso em: 18/001/2015
- Carvalho, J. M. (2001). *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Certeau, M. de A. (1995). *A cultura no plural*. São Paulo: Papirus.
- Corrêa, E., & Lima, M. (2009). O impacto das mídias sociais nas empresas informativas: Transformações no processo produtivo. In V. C. Brittos (Orgs). *Digitalização e práticas sociais: modulações e alternativas do audiovisual* (pp. 16-31). São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0772-1.pdf>> Acesso em: 15/02/2015.
- Costa, M. R. (2001). Tribos urbanas nas identidades das metrópoles. *EccoS*, 3 (1), 41-55.
- Costa, M. V. (2010). Sobre a contribuição das análises culturais para a formação de professores no início do século XXI. *Educar em Revista* (Impresso), 37, 129-152.
- Couto, E. S. & Rocha, T. B. (2010). Identidades contemporâneas: a experimentação de “eus” no Orkut. In E. S. Couto, & T. B. Rocha (Orgs.), *A vida no Orkut. Narrativas e aprendizagens*

nas redes sociais (pp. 13-31). Salvador: EDUFBA. Disponível em: <[https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/4999/1/a%20vida%20no%20orkut\\_RI.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/4999/1/a%20vida%20no%20orkut_RI.pdf)> Acesso em: 24/09/2015.

Couto, E. S. (2012). *Corpos voláteis, corpos perfeitos: estudos sobre estéticas, pedagogias e políticas do pós-humano*. Salvador: EDUFBA.

Couto, E. S., & Silva, V. C. (2012). Interfaceamentos contemporâneos: tecnologias digitais e tribos urbanas no contexto escolar. *Educação em Revista*, 28 (02), 333-346. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v28n2/a15v28n2.pdf>. Acesso em: 04/02/2015.

Cuche, D. (1999). *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC.

Da Matta, R. (1984). *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco.

Dayrell, J. (2002). O rap e o funk na socialização da juventude. *Educação e Pesquisa*, 2 (1), 117-136.

Dayrell, J. (2005). *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: UFMG.

Dayrell, J. (2007). A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação & Sociedade*, 28 (100), 1105-1128. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100>. Acesso em: 20/12/2014.

Diógenes, G. (1998). *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop*. São Paulo: Annablume.

Duarte, G. R. (1999). A arte na (da) Periferia: sobre... vivências. In: Andrade, E. N. (Org.), *Rap e educação. Rap é educação* (pp. 13-22). São Paulo: Summus.

Félix, J. B. J. (2005). *Hip Hop: cultura e política no contexto paulistano*. Tese de doutorado em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Fernandes, D. (2013, novembro). Hip-Hop e religião na construção simbólica do espaço conformado a partir da relação Nós-Eu. *Anais do V Colóquio Nacional do NEER* (pp. 1-15), Cuiabá, MT,. Disponível em: <[http://www.geografia.ufmt.br/neer/ANAIS/dif/Eixo%202%20pdf/EIXO%202%20GT1%20ARTIGO\\_9\\_Dalvani.pdf](http://www.geografia.ufmt.br/neer/ANAIS/dif/Eixo%202%20pdf/EIXO%202%20GT1%20ARTIGO_9_Dalvani.pdf)>. Acesso em: 27/01/2015.

Galli, F. C. S. (2002). *Linguagem da internet: um meio de comunicação global*. Disponível em: <https://www.ufpe.br/nehte/artigos/LINGUAGEM%20DA%20INTERNET-um%20meio.pdf>. Acesso em: 15/02/2015.

Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan.

Grosso, L. A. (2002). *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. São Paulo: Diefel.

Gustsack, F. (2003). *Hip-Hop: educabilidades e traços culturais em movimento*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Hall, S. (2003). *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Hall, S. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade*. S. Paulo: DP&A.

Janotti, J. S. (2003). *Mídia, cultura juvenil e rock and roll: comunidades, tribos e grupamentos urbanos. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, BH, 2 a 6 set. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/39163256441774638697926277590288153638.pdf>. Acesso em: 16/9/2015

Lemos, A. (1997) *Anjos interativos e retribalização do mundo. Sobre interatividade e interfaces digitais*. Salvador: Universidade Federal da Bahia (UFBA). Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/lemos/interativo.pdf>> Acesso em: 24/02/2015.

Lemos, A. (2002). *Cultura das redes: ciberensaios para o século XXI*. Salvador: EDUFBA.

Lemos, A. (2003). *Cibercultura: alguns pontos para compreender nossa época*. In A. Lemos, & P. Cunha (Orgs.), *Olhares sobre a cibercultura* (pp. 11-23). Porto Alegre: Sulina.

Lemos, A., & Lévy, P. (2010). *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus.

Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34.

Lima, M. F. (2014). *Mulheres no Hip Hop: a identidade feminina em um movimento juvenil e artístico-cultural. 18º Redor*, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 24 a 27 de Novembro. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/2231/873>

Macedo, R. S. (2006). *Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação*. Brasília: Liber Livro Editora.

Machado, A. (2010). *Arte e mídia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Maffesoli, M. (1987). *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa* (3ª edição). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Maffesoli, M. (1996). *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes.

Maffesoli, M. (2004). *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa* (3ª edição). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Maffesoli, M. (2005). *O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade* (Tradução de Juremir Machado da Silva). Porto Alegre: Sulina.

Margulis, M. (2001). *Juventud: una aproximación conceptual*. In S. D. Burak (Org.), *Adolescencia y juventud en América Latina* (pp. 41-56). Cartago: L. U. R.

Mauss, M. (1974). *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Edusp.

Mclaren, P. (2000). *Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

Meneses, P. (2013). *A família: uma abordagem filosófica*. Pernambuco: Unicap. Disponível em: [http://www.unicap.br/Pe\\_Paulo/documentos/a\\_familia.pdf](http://www.unicap.br/Pe_Paulo/documentos/a_familia.pdf)>. Acesso em: 06 abril 2015.

Minayo, M.C.S. (2007). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.

- Oliveira, I. B., & Sgarbi, P. (Org.) (2002). *Redes culturais, diversidade e educação*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Oliveira, M. C. S. L., Camilo, A. A., & Assunção, C. V. (2003). Tribos urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes: relação com pares e negociação de diferenças. *Temas em Psicologia da SBP*, 11 (1), 61-75.
- Pais, J. M. (2003). *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Pereira, A. A., & Alberti, V. (2007). *Histórias do movimento negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas.
- Quaresma, S. J. (2005). Durkheim e Weber: inspiração para uma nova sociabilidade, o neotribalismo. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, 2, 1 (3), 81 - 89.
- Quaresma, S. J. (2005). Durkheim e Weber: inspiração para uma nova sociabilidade, o neotribalismo. *Em Tese*, 2(1), 81-89.
- Recuero, R. (2009). *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina.
- Richard, B. (2005). *Hip Hop consciência e atitude*. São Paulo: Livro Pronto.
- Rocha, J. Domenich, M., & Casseano, P. (2001). *Hip Hop: a periferia grita*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Rose, T. (1997). Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade pós-industrial no hip-hop. In M. Herschmann (Org.), *Abalando os anos 90: Funk e hip-hop - globalização, violência e estilo cultural* (p. 212). Rio de Janeiro: Rocco.
- Santaella, L. (2001). *Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado*. São Paulo: Hacker editoras.
- Santaella, L. (2007). *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus.
- Santaella, L. A. (2001). *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal*. São Paulo: Iluminuras.
- Santos, J. L. (2006). *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- Santos, V. S, Souza, A. V. M. (2009). *Territorialidade e redes de sociabilidades juvenis: lugares, transitos e tensões da identidade*. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe. Disponível em: <ttp://200.17.141.110/pos/antropologia/seciri\_anais\_eletronicos/down/GT\_01/Antonio\_Vital\_Menezes\_de\_Souza.pdf> Acesso em 05/03/2015.
- Serra, P. (1996). *O problema da técnica e o ciberespaço*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Silva, M. (2001). Sala de aula interativa: a educação presencial e a distância em sintonia com a era digital e com a cidadania. I *INTERCOM - XXIV Congresso Brasileiro de Comunicação*, Campo Grande.
- Silva, V. C. (2007). *Corpos híbridos em mentes diáfanas: as tribos urbanas no universo escolar de Palmas e suas inter(ações) com as tecnologia da informação e da comunicação*.

Dissertação de Mestrado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Silva, V. C. (2013). *E-jovens, e-músicas, e-educações: fronteiras dilatadas e diálogos cruzados na era das conexões*. Tese de Doutorado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Silva, V. C. P. (2010). *Palmas, a última capital projetada do século XX: uma cidade em busca do tempo*. São Paulo: UNESP.

Sousa, M. W. (2010). O pertencimento ao comum mediático: a identidade em tempos de transição. *Significação*, 37(34), 31-54. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/significacao/issue/view/5342>. Acesso em 03 mar 2013.

Souza, G. (2004). Novas sociabilidades juvenis a partir do movimento hip hop. *Animus: Revista interamericana de comunicação midiática*, III (2), 69-77.

Tapscott, D. (2010). *A hora da geração digital: como os jovens que resceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos*. Rio de Janeiro: Agir negócios.

Teixeira, I. (2014). *Fotografias pessoais no Facebook: corpos e subjetividades em narrativas visuais compartilhadas*. Tese de Doutorado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Thompson, J. B. (1995). *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes.

Travancas, I. (2006). Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In A. Barros, A. & J. Duarte (Orgs), *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação* (pp. 98-109). São Paulo: Atlas. Disponível em: <<https://marinasaraiva.files.wordpress.com/2013/04/etnografia-e-comunicacao.pdf>>. Acesso em: 20/07/2014.

Umbelino, T. L. R. (2008). *Rappers do Senhor: Hip Hop Gospel como ferramenta de visibilidade para jovens negros, pobres e evangélicos*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora.

# ANEXOS

## Anexo 1 - Guião da entrevista

Identificação do Grupo
<ol style="list-style-type: none"><li>1. Nome;</li><li>2. Sexo dos integrantes;</li><li>3. Faixa etária dos integrantes;</li><li>4. Elementos do hip hop específicos do grupo (break, rap, DJ, MC).</li></ol>
Relações com a rede social digital (Facebook)
<ol style="list-style-type: none"><li>1. O que normalmente vocês gostam de publicar no perfil/página do Facebook?</li><li>2. Qual o sentido para você do curtir, comentar e compartilhar?</li><li>3. Que corpos são esses (re)apresentado na rede? Como vocês se representam dentro do grupo na rede?</li><li>4. O que vocês esperam quando postam fotos, notícias, anúncios no grupo/página?</li><li>5. O que vocês disponibilizam na internet, está lá pra ser mexido, misturado, apertado, enfim... ou está lá só para ser apreciado da maneira como vocês colocaram?</li></ol>
Comunidades de Sentido
<ol style="list-style-type: none"><li>1. É importante, pra vocês, demonstrar na rede o sentimento que vocês têm um pelo outro, e pela tribo?</li></ol>

## Anexo 2 - Respostas entrevista



### BboyRobson Resistencia Ativa

O Sombras do Hip Hop é um grupo que cria projetos, e acima de tudo, somos um projeto que atende várias pessoas em situação de vulnerabilidade ou não; como projeto voluntário atendemos diariamente 22 pessoas, sendo que o projeto já atendeu aproximadamente 5200 pessoas entre crianças, jovens e adultos desde que existe. Queremos levar a dança, o break para essas crianças que vivem nas comunidade e estão expostas a criminalidade, preconceito, drogas, e o break salva as pessoas. E nós somos o pivô disso. Aqui no Facebook a gente coloca fotos dos treinos, estimula a equipe a treinar e ir aos ensaios, de forma que eles se sintam unidos, e com vontade de enfrentar seus problemas, e a gente quer divulgar isso para todo mundo



### Helio Silva

boa noite samila,,,,,meu nome é Helio..sou lider do grupo RDV crew.....faço 40 anos amanhã dia 25....Danço desde meus 12 anos.....mais respondendo sua pergunta acima.....sobre tudo que postamos ou curtimos é uma forma de divulgar nosso trabalho,portanto quando alguem curte ou compartilha ,faz diferença sim....



#### Franciedson Cardoso

Eu olho e compartilho algo interessante sobre o break, tipo vídeos, fotos



#### Edfran Cardoso

Na verdade o rdv significa muitas coisas, não são apenas um grupo que se reúne para dançar, e sim uma família que ajuda um ao outro



#### Edfran Cardoso

Vou resumir em uma palavra o sentimento que eu sinto por cada um do RDV e principalmente os caras que eu tenho como exemplo como o irmão Hélio e o Ridney, eu AMO essa família RDV Crew



#### Edfran Cardoso

Nós usamos o break para o evangelismo, para tirar as pessoas das drogas, e levar para o caminho de Deus



#### Edfran Cardoso

Esperamos que as pessoas vejam o nosso trabalho e com isso possa levar para outras pessoas por meio dos compartilhamentos



#### Ckt Vida Nova

No Rap, somos livres para criar e falar o que queremos, inventamos letras que retrata a realidade da nossa vida, a realidade da favela, tá ligado, as letras do jeito que a gente quer. E a gente põe tudo no face, os rap que nós fazemos nos presídios, nas ruas, nas festas, a gente divulga aqui, mostra o que fazemos, a hora que a gente quer, pro povo da favela ver, e curtir e compartilhar, porque eles fazem parte disso



#### Ckt Vida Nova

A ideia é o resgate das pessoas que estão em dependência química mano, tirar elas das drogas, e buscar um novo caminho, por isso chamamos Vida Nova. Ai a gente vai levando o Rap para a periferia, onde tiver gente precisando sair do buraco, e se apoiar no rap, para ser alguém na vida. É isso que a gente faz. O rap é nossa vida, nosso alicerce. Nós somos quem somos hoje por causa do Rap.



#### Ckt Vida Nova

Nossa interação é feita 90% pessoalmente, pouco usamos as redes sociais, como pode vê, é mais um canal de divulgação.

Usamos o Facebook mesmo só pra pastagens de informativos sobre os Raps que fazemos.